

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Deborah Griebeler

**Sujeitos emblemáticos à luz do sintagma identidade-metamorfose-
emancipação: produções acadêmicas do NEPIM**

Mestrado em Psicologia Social

**São Paulo
2015**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Deborah Griebeler

**Sujeitos emblemáticos à luz do sintagma identidade-metamorfose-
emancipação: produções acadêmicas do NEPIM**

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa.

Mestrado em Psicologia Social

São Paulo
2015

Banca examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos aqueles que fizeram de mim quem sou hoje, em especial às três gerações de mulheres:

À minha oma, **Johanna Dorothea Kramer** (*in memoriam*), com quem aprendi o valor de uma história de vida. A dela que se fez minha.

Saudades e gratidão eternas!

À minha mãe, **Maria Luisa Griebeler**, por me ensinar desde cedo os verdadeiros valores da vida e como enfrentar os desafios impostos por ela.

Nada que eu faça retribuirá o bem que você me faz. Amo você incondicionalmente!

E à minha sobrinha, **Juliana Monteiro Griebeler**, que me proporciona o prazer de aprender ensinando e ensinar aprendendo.

Mudei com você e por você. Te amo muito, pequena!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à **Deus** por tudo que sou e onde estou.

Agradeço à minha família que sempre me mostrou que seguir em frente é possível. Em especial, minha mãe **Maria Luisa**, por sua imensa dedicação e incentivo. Jamais teria chegado aqui sem você! Ao meu pai **Paulo**, por me fazer acreditar que tudo daria certo. E deu, pai. Obrigada! Aos meus irmãos **Alexandre** e **Priscylla** e minha cunhada, **Juliana**, que mesmo sem entenderem muito bem os motivos que me levaram a “estudar de novo”, sempre me apoiaram e compreenderam minhas ausências. À minha **Jujuzinha**, sobrinha amada, pelos olhares de admiração e carinho. Família, amo vocês!

Agradeço aos meus amigos **Leila Braga Ribeiro**, por ser parte de quem sou; **Daniel Gatto**, pela amizade e fidelidade de sempre; **Bruno Pancionato**, por estar sempre ao meu lado; **Ronami Maeda**, porque, mesmo do outro lado do oceano, não deixou de se fazer presente nos momentos mais fundamentais; **Rafael Franceschini**, pelo companheirismo e persistência nesses mais de 3 anos; **Luis Fernando Guggenberger**, por ser um mestre e líder inspirador em todo o tempo; **Anna Paula Nogueira**, grande incentivadora de sonhos. Devo à cada um de vocês parte de mim!

Minha especial gratidão aos amados **Anderson França (Dinho)**, por me instigar a entender o mundo e **Vania Ferrari**, pelas risadas compartilhadas. À vocês dois, pelas histórias incríveis e pelas contribuições que me trouxeram até aqui.

À **Mariana Malvezzi**, pelo incentivo e estímulo ao espírito acadêmico.

Ao **Senac**, por me proporcionar a concretização deste sonho. Agradeço também ao **Leandro Mastropasqua** e à nossa equipe pela compreensão nos períodos de ausência.

Ao mestre **Ciampa** pelas conversas gostosas e orientações sempre valiosas. Ao companheiro de sempre, **Juracy** e suas provocações. Um privilégio conviver esse período com vocês!

Aos queridos **Alúcio Ferreira de Lima** e **Maria do Carmo Guedes** pelas ricas contribuições ao meu trabalho e por aceitarem de prontidão ao meu convite para participação no exame de qualificação e banca final.

Aos colegas do **NEPIM**, especialmente os que trilharam esse caminho comigo mais de perto, **Diego** e **Francis**, e aos **professores** que contribuíram para meu desenvolvimento com as ricas discussões ao longo desses 2 anos.

À todos vocês, meu muito obrigada!

RESUMO

GRIEBELER, D. (2015). **Sujeitos emblemáticos à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação**: produções acadêmicas do NEPIM. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A presente dissertação visa estudar o termo “sujeitos emblemáticos” como contribuição teórica à Teoria de Identidade em construção sustentada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto por Ciampa (1987). Segundo pesquisa realizada durante a construção desse trabalho, o termo “sujeitos emblemáticos” tem sido usado e construído desde 1996 em discussões no NEPIM (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Identidade-Metamorfose) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Para efetivar esse estudo, parte-se então das produções acadêmicas do NEPIM que tenham contemplado o termo “sujeitos emblemáticos” e, como metodologia, utilizou-se as histórias de vida contidas nos oito trabalhos acadêmicos que serviram de base para breves relatos que são aqui apresentados como contextualização e ilustração do que ora é discutido. Esse trabalho pauta-se no sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto por Ciampa (1987) e nas produções oriundas do NEPIM, tendo como referenciais teóricos Jürgen Habermas e Ciampa, especialmente o *sujeito pós-convencional* de Habermas (1983) e o *vir-a-ser* e o *ser-para-si* de Ciampa (1987). Por tratar-se de um trabalho teórico, essa dissertação se encerra com as considerações finais abordando sinteticamente o que fora discutido ao longo do trabalho, bem como expondo lacunas inerentes à produção acadêmica como espaços possíveis de apropriação da Academia.

Palavras-chave: sujeito emblemático, sujeito pós-convencional, identidade.

ABSTRACT

GRIEBELER D. (2015) **Emblematic subjects in the light of syntagma identity-metamorphosis-emancipation:** academic productions of NEPIM. Post-graduation dissertation. Pontifical Catholic University of São Paulo.

The present dissertation aims to study the term "Emblematic subjects" as a theoretic contribution to the Theory of the Identity in construction, sustained in the syntagma identity-metamorphosis-emancipation proposed by Ciampa (1987). According to a survey carried out during the process of this work, the term "Emblematic subjects" have been used and built since 1996 in discussions at NEPIM (Center of Study and Research of Identity-Metamorphosis) of Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). To carry out this study, we began, so, with academic productions of NEPIM that have had completed the term "Emblematic subjects" and, as a methodology, we used the history of life contained in the eight academic works that served as a base for short account that are presented here as contextualization and illustration of what is discussed now. This work designed in the syntagma identity-metamorphosis-emancipation proposed by Ciampa (1987) and the arising from productions of NEPIM, and has as a theoretic reference Jürgen Habermas and Ciampa, especially the *post-conventional subject* of Habermas (1983) and the "*come to be*" and "*be to itself*" of Ciampa (1987). As we treat it like a theoretic work, this dissertation ends with the final considerations broaching synthetically, what has been discussed throughout the work such as exposing inherent gaps to the academic production as possible spaces of appropriation of the Academy.

Key words: Emblematic subjects, post-conventional subject, identity.

“Não sabendo que era impossível, foi lá e fez.”

Jean Cocteau (1889-1963)

Poeta, cineasta e dramaturgo francês

Sumário

1. Apresentação.....	8
2. Breve revisão bibliográfica sobre o tema	14
2.1. <i>Sujeito Emblemático: uma construção?</i>	15
3. Histórias em mosaico.....	37
3.1. <i>A natação como um divisor de águas: a trajetória de Bia</i>	41
3.2. <i>Roberto: em busca de autonomia</i>	46
3.3. <i>“Cara-de-pau”: a narrativa de Sofia</i>	49
3.4. <i>Marcos: um homem enfermeiro</i>	51
3.5. <i>B.: ativista de si mesmo</i>	54
3.6. <i>May.com: a busca pela emancipação na rede</i>	55
3.7. <i>(Des)acolhimento institucional: a história de Molly</i>	56
3.8. <i>Em busca de deixar de ser escravo: a luta de Eduardo</i>	58
4. Sujeitos emblemáticos a partir de referenciais teóricos	61
4.1. <i>De onde partimos</i>	61
4.2. <i>Referenciais teóricos</i>	62
5. Considerações finais (que não se findam aqui)	84
6. Referências Bibliográficas	86

1. Apresentação

Para apresentar esse trabalho e ao que ele se propõe, iniciarei apresentando a mim mesma. Não poderia deixar de fazê-lo tratando-se de uma dissertação sobre identidade.

Nasci em 1985, a primeira menina da família. Quando nasci, meus pais já tinham meu irmão, 5 anos mais velho que eu. Morávamos em São Paulo até 1987, ano em que fomos assaltados 5 vezes em casa e o sentimento de insegurança nos levou a decidir uma mudança para uma cidade menor e com melhor qualidade de vida. Assim, cresci em Iguape, uma pequena cidade do litoral paulista a 200 km da capital caracterizada por um povo que subsiste com base na pesca e na plantação de banana e que convive com as dificuldades financeiras do Vale do Ribeira. Meus pais eram bancários, o que na época nos dava uma condição de vida bem diferente da maioria mas conviver com tal realidade contribuiu certamente para que meu irmão e eu aprendêssemos a dar valor ao que tínhamos e a lutar pelo que queríamos: nosso entorno nos mostrava que nada vem na vida sem esforço. Isso também esteve sempre marcado na vida dos nossos pais e avós. Quando minha irmã caçula nasceu, as condições de vida já eram menos demarcadas (ou havíamos aprendido a conviver melhor com as diferenças relacionadas ao dinheiro) e a vida seguia.

Como meus pais esperavam, nossa infância foi muito livre. Brincávamos na rua com os vizinhos, andávamos de bicicleta por toda parte, íamos à escola

sozinhos, etc. As férias passávamos em São Paulo na casa da Oma¹ para passear com ela e com as tias. Sinto até hoje muitas saudades das tardes em que eu passava horas deitada com a cabeça no colo da Oma enquanto ela me contava as histórias da infância sofrida na Alemanha em meados da década de 1920, sua viagem de navio que a trouxe para o Brasil e como era sua vida numa colônia alemã no interior do Paraná. Essa é uma característica minha desde pequena: sempre gostei de ouvir pessoas contando boas histórias, especialmente as próprias.

Aos 12 anos, porém, a minha história mudou abruptamente. No turbilhão da entrada na adolescência, sofri uma queda que me impossibilitou de seguir em frente da mesma maneira. De uma hora para outra, eu tinha uma medula rompida, uma tetraplegia irreversível e um futuro incerto (ou pelo menos, nebuloso). Após quase 5 meses internada, passei mais 2 meses em reabilitação à minha nova condição no Hospital Sarah Kubitschek em Brasília/DF. Ali conheci outras tantas histórias; histórias de vida que me permitem hoje tentar conhecer mais sobre o que chamamos de sujeitos emblemáticos.

Ao conviver diariamente com tantas histórias cindidas por acidentes, diagnósticos ou, ainda, por algo que sequer a medicina tinha descoberto, pude

¹ Oma é como é chamada a avó em alemão. Trata-se da minha avó materna, falecida aos 99 anos em 2012.

conhecer pessoas que me mostraram que haviam caminhos de possibilidades apesar das limitações que cada um tem (adquiridas ou próprias, físicas ou não).

Uma em especial me marcou muito e acredito ser relevante para esta dissertação. Quando a conheci, ela já era uma mulher de 20 e poucos anos ou mais. Era estudante de Psicologia, trabalhava, namorava, voltava de madrugada da balada com os amigos e morava no hospital porque a família a abandonou após o acidente que a deixou sem movimentos do pescoço para baixo aos 16 anos. Se locomovia em uma cadeira de rodas motorizada que precisou ser importada porque no Brasil não se produzia uma cadeira de rodas com aparelho de respiração artificial como ela dependia para sobreviver. Essa mulher foi, para mim, uma pessoa emblemática. Ao vê-la percebi que minha vida e meu futuro não precisavam ser de limitações mas que eu poderia lutar por algo que eu quisesse alcançar a despeito das dificuldades impostas pelo meu acidente.

Foi assim que eu voltei para a escola quase 8 meses depois do acidente que sofri, recuperei os meses de aulas perdidas com a ajuda de professores e amigos e passei para a 8ª série. A partir daí, minha vida se reorganizou. Amigos, escola, namoro, vestibular, faculdade, trabalho, carreira... Assim, com a mulher que conheci no hospital, aprendi que minha vontade de concretizar algo seria o que me aproximaria de realizá-lo ou não.

Obviamente houve muitas adaptações na minha vida assim como na daqueles que fazem e fazem parte da minha vida. Aprendi com a mulher do hospital que um obstáculo só é intransponível depois que você esgota todas as possibilidades de ultrapassá-lo. Eu não voltei a andar, como ela também não;

porém a vida se rearranjou de modo que as minhas limitações ficaram restritas ao aspecto físico. Meu Ser é mais amplo que isso.

Para que eu pudesse cursar a faculdade, tivemos que voltar a morar em São Paulo. Meu irmão já havia voltado pois acabara de se formar Engenheiro Mecânico e, dadas as necessidades de cuidados físicos, a família concordou em retornarmos para que eu pudesse estudar.

O caminho foi se construindo à medida em que era trilhado. Sou grata a todos os professores, orientadores, colegas e pacientes dos estágios que sempre me trataram como uma igual, talvez porque eu mesma não me pusesse como diferente. A diferença, no meu caso, é física, inerente à condição humana. As limitações e/ou as deficiências são barreiras que se colocam e cabe a cada um lidar da melhor forma possível.

Foi com essa maneira de ser que venho trilhando meu caminho. Sou hoje fruto das interações que tive e tenho na vida e sou grata por cada uma delas. Me formei, trabalhei com pessoas incríveis, me pós-graduei em gestão de projetos sociais o que me abriu portas para novas experiências. Ao trabalhar com isso, as histórias de superação de dificuldades de cada um, quer fossem financeiras, de violência, de amarras ao mundo sistêmico, etc, a cada história em que alguma barreira era superada e a pessoa seguia um caminho diferente, novo, emancipatório, eu me encantava.

Foram histórias assim que me motivaram a buscar o mestrado em identidade. Antes mesmo de conhecer a Psicologia Social isso já me tocava. Ao final de 2012, em uma conversa com o Ciampa em que eu contava para ele as

histórias das pessoas e meu interesse em estudá-las, foi que ele me disse que “a gente costuma chamar essas pessoas de sujeitos emblemáticos”.

A partir dessa conversa, esta dissertação começou a se delinear. Muitas mudanças no percurso ocorreram, naturais no caminho do mestrado. Neste trabalho que aqui se apresenta, não se esgota o assunto. Pelo contrário, busco com ele iniciar uma construção teórica desse conceito que julgo tão relevante para a Psicologia Social. Minha dissertação visa, assim, ser um ponto de partida para mais estudos nessa temática.

Não tratarei aqui de exemplos de vida. Não se refere a pessoas melhores ou piores, fortes ou fracas, ou qualquer coisa assim. Trata-se de diversas formas de trilhar um caminho pisando em lugares que não se imaginava que se podia trilhar ou onde não era esperado que se trilhasse. São rupturas no caminho da emancipação. É a concretude do sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Nesta dissertação reuni diversos trabalhos que versaram sobre sujeitos emblemáticos com recorte especial às produções realizadas no NEPIM. Neles constatamos diversas histórias de vida como a contada acima: sejam professores de Educação Física buscando por emancipação como contado por Kolyniak (1996), ou pela narrativa de Sofia que atribui à amputação de um membro seu um sentido emancipatório (Pacheco & Ciampa, 2006), ou ainda, quando Lanza (2006) compartilha a busca emancipatória de enfermeiros homens de políticas de identidade impostas, ou negros, que como nos mostra Miranda (2013), ainda disputam um lugar igualitário no meio acadêmico; dentre outras.

Por compartilhar da crença de que a identidade se constrói com metamorfoses, dividi com os leitores de forma reduzida nesta apresentação a minha história de vida que mostra um pouco do processo de metamorfose que me fez chegar até o estudo de sujeitos emblemáticos.

Não parto de hipóteses, tampouco entendo que o tema trabalhado se enquadre como um “problema” de pesquisa. Prefiro encará-lo como um “desafio” de pesquisa, uma viagem que me possibilitou contribuir com o meu desenvolvimento. Considero que a maior relevância desse trabalho não é pelo valor do conceito que está se construindo há alguns anos mas pela importância das pessoas que consideramos emblemáticas. Vida longa a elas! Boa leitura!

2. Breve revisão bibliográfica sobre o tema

Esta dissertação tem como proposta trabalhar o processo de construção do conceito “sujeitos emblemáticos”, termo que tem sido usado e construído em discussões no NEPIM (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Identidade-Metamorfose) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que, segundo nossa pesquisa, começou em meados de 1996.

Esse trabalho parte de constructos da Psicologia Social, em especial da Teoria de Identidade que vem se constituindo como tal a partir do sintagma identidade-metamorfose-emancipação anunciado por Antonio da Costa Ciampa. Assim, este trabalho se propõe a contribuir com o que, nas palavras de Ciampa, é uma teoria em construção e a qual se configura como uma dentre outras que abordam diferentes enfoques em relação à identidade humana.

Como se trata de um capítulo sobre a revisão bibliográfica do conceito em construção, atentaremos aqui tão-somente a esse recorte histórico exploratório. Diante do objetivo dessa dissertação e pelo fato de o termo sujeito emblemático ser recente no campo de estudo da identidade, o levantamento bibliográfico constituiu-se como um grande desafio visto que existem ainda poucas produções científicas que se utilizam dessa terminologia. Assim, tentaremos neste capítulo abarcar os trabalhos relacionados à construção do conceito no NEPIM e que podem então colaborar com esta dissertação.

2.1. Sujeito Emblemático: uma construção?

Para analisá-lo historicamente cabe localizar de onde parte tal conceito. Segundo Ciampa, encontra-se em Lucien Goldmann suas primeiras raízes conceituais denominando-o como “indivíduos excepcionais”. Goldmann, filósofo e sociólogo francês, trabalha com o cenário cultural e suas relações com o humano. Em sua obra “Dialética e Cultura” (1979) o autor discute inicialmente a dificuldade de se estabelecer o campo científico partindo do dualismo entre os dados empíricos e o pensamento filosófico. A partir dessa discussão, surge a questão que nos ajuda a aprofundar a reflexão sobre o sujeito emblemático: “o que é visão de mundo?”.

Suas premissas partem do materialismo dialético que contribui especialmente com o fundamento positivo e científico do conceito de visão de mundo, retirando assim qualquer aspecto arbitrário. Para Goldmann (1979), não é necessário concebê-la como realidade metafísica ou de ordem especulativa; ao contrário, é a expressão psíquica da relação de certos grupos de indivíduos e seu meio social. A visão de mundo constitui o principal aspecto de consciência coletiva que permitirá estabelecer a noção de coerência, posta pelo autor como a integração no conjunto dos elementos disponíveis possibilitando, assim, uma significação.

Entendemos aqui consciência coletiva como existência das consciências individuais, mas não a soma destas. Tal como nós, Goldmann compreende o indivíduo como um ser essencialmente social. Para ele, “o sujeito da ação é um grupo, um ‘nós’ [...]; há ainda uma relação de comunidade, expressão de uma

ação comum sobre um objeto físico ou social” (p 18). Para esse grupo é fundamental a concordância entre pensamento e comportamento e que, além de buscar a libertação da submissão cotidiana às necessidades econômicas, há ainda a necessidade de que tais interesses estejam voltados para uma transformação global da estrutura social e que se expressem no plano ideológico por meio de suas relações com os demais e com a humanidade futura.

Essa visão de mundo, conjunto dessas aspirações, sentimentos e ideias que se reúnem os membros de um grupo em oposição a outros, aponta para uma tendência real de consciência e coerência. Assim, estabelece-se que essa visão de mundo os privilegia em relação ao senso comum.

“A tomada de consciência varia de um homem a outro e só atinge seu máximo em alguns indivíduos excepcionais [...]. Disso resulta que *eles* exprimem a consciência coletiva melhor e de uma maneira mais precisa do que outros membros do grupo e disso resulta, por conseguinte, que é preciso inverter totalmente a maneira historiográfica tradicional de colocar o problema das relações entre o indivíduo e a sociedade” (Goldmann, 1979, p. 21).

Segundo Goldmann, apenas raramente “indivíduos excepcionais” se aproximam de uma coerência integral. É importante tal destaque de Goldmann para que não se caia na inocência de endeusá-los ou superestimá-los. Embora raros, sua humanidade compreende também incoerências e fragilidades inerentes ao “ser-humano”. Além disso, ressaltamos uma diferença substancial entre consciência de classe e consciência individual. Na obra de Goldmann (1979), há o apontamento para a questão de classes tão presente naquele recorte histórico mas compreendemos que os indivíduos excepcionais

demonstram uma consciência individual para além da relacionada apenas à luta de classes igualmente importante para tais sujeitos.

Dessa forma, as visões de mundo, conforme discorridas acima, exprimem uma “situação histórica transposta para o plano dos grandes problemas fundamentais que são colocados pelas relações do homem com outros homens e pelas relações do homem com o universo” (Goldmann, 1979, p. 23).

A partir das conceituações trazidas por Goldmann sobre os sujeitos emblemáticos, observa-se que há um enfoque na dimensão social que este desempenha, servindo, por vezes, como porta-voz de um dado grupo social. Vemos também que a consciência se constrói na visão de mundo crítica em relação aos fenômenos sociais, políticos, econômicos, históricos e religiosos e se dá como característica marcante dos que o autor chama de “indivíduos excepcionais”.

Além dessa consciência, os “indivíduos excepcionais” são sujeitos de ação. A busca por uma transformação de ordem global deve ser legítima e cotidiana pois esta é a ideologia presente como pano de fundo. Esses indivíduos buscam uma mudança na estrutura social por um futuro mais humano e equilibrado e o fazem com base nas suas relações com os outros. Ressalta-se, contudo, que não há nenhum caráter heroico nisso pois refere-se a um caminho traçado em busca da emancipação.

Goldmann (1979) nos traz, ainda, outro elemento fundante do sujeito emblemático. Refere-se a esse como “gênio” que teria a capacidade de perceber mudanças significativas no contexto sócio-histórico e que age em busca da integração entre essas mudanças, geralmente imperceptíveis aos demais, com

o universal uma vez que “na luta entre o passado que desaparece e o futuro que nasce, não se contentam em estar do lado das novas forças, mas buscam enquadrá-las em um conjunto humano, cósmico e histórico” (p. 87).

Tal visão holística desses sujeitos pressupõe uma sensibilidade ao olhar os acontecimentos conectando as micro e macroesferas de modo que:

“para falar de seus problemas mais concretos e mais imediatos coloca implicitamente os problemas mais gerais de sua época e de sua civilização e para quem, inversamente, todos os problemas essenciais de seu tempo não são coisas sabidas, convicções, mas realidades que se exprimem de uma maneira imediata e viva em seus sentimentos e em suas intuições” (p. 87).

Assim, vemos que os indivíduos em questão são capazes de captar certas tendências ou movimentos de forma espontânea, não como algo mecânico ou técnica a ser desenvolvida; antes, é parte de como o sujeito é, sua forma de agir no mundo de maneira coerente como “sujeito de ação”.

Soma-se às contribuições trazidas por Goldmann, o trabalho de Celso Frederico (1979), mais especificamente em sua obra “A Vanguarda Operária”. O trabalho levanta possíveis caminhos para explicar as condutas “inovadoras” no seio da realidade operária brasileira da década de 60, dando especial enfoque aos sujeitos de vanguarda que denomina “operários avançados” ou “típicos”. Para ele, esses seriam pessoas que exprimem de modo mais desenvolvido as possibilidades da consciência operária.

Cabe aqui destacar que os apontamentos de Frederico (1979) sobre vanguarda têm uma conotação intrinsecamente política que não abordaremos neste trabalho, assim como alertamos quanto ao cuidado para não confundir o termo “operários típicos” presente em sua obra com os “tipos ideais” de Max

Weber. Sob a ótica da sociologia weberiana, a tipicidade seria uma construção intelectual, uma “racionalização utópica”. Assim, Celso Frederico recorre à Georg Lukács para retratar os “típicos” como seres que, além de suas características individuais, terem em si potencializado algo de universal, o que ele chamara de consciência coletiva.

Ora, nos distanciamos desses preceitos e nos ateremos ao que Goldmann retrata como consciência possível. Esse conceito vem ao encontro de estudos da comunicação humana numa perspectiva social dinâmica na qual “o homem se define por suas possibilidades, por sua tendência para a comunidade com outros homens e para o equilíbrio da natureza” (Goldmann, apud Freire, 1995). Assim, consciência possível seria o alcance máximo de consciência de classes sociais num dado momento histórico que constituem a sociedade.

Tal como Goldmann, Frederico (1979) sugere que os “operários avançados” são capazes de explicitar o vir-a-ser implícito na consciência dos trabalhadores fabris que, passíveis de entender a direção para onde há um potencial de quebra da alienação, alertam os demais exercendo de certa forma o que podemos chamar de uma tarefa pedagógica. Segundo o autor, “enquanto a consciência do operário avançado expressa a totalidade na qual está inserido, a de um operário ‘alienado’, ao contrário, é por definição, dividida” (Frederico, 1979, p. 24). A partir disso fica clara a relação destes sujeitos com a busca pela emancipação como um movimento legítimo de vanguarda que atua no sentido da ruptura da exploração, opressão e violência vividas.

Temos, com a obra de Frederico (1979), um adendo aos pensamentos de Lucién Goldmann que ampliam o olhar ao colocar um exemplo prático em um

cenário real: o momento sociopolítico vivido pelos operários de cidades do Grande ABC Paulista nos anos 60 e suas consequências nos anos seguintes. No entanto, restringimos a colaboração da obra de Celso Frederico no recorte feito sobre os “operários avançados” ou “típicos” uma vez que o autor leva a discussão para um partidarismo ao qual esta dissertação não se aterá.

Esse ponto foi o que culminou na diferenciação deste termo com o de sujeito emblemático. O termo que nos interessa nesta dissertação foi iniciado por Ciampa em discussões no NEPIM em meados de 1996. O primeiro registro do termo aparece na dissertação de Kolyniak (1996) que, embora trabalhe a partir do termo “sujeito típico”, comenta em seu trabalho que o termo “sujeitos emblemáticos” foi usado por Iray Carone em um debate na PUC em 1996 (Kolyniak, 1996, p. 56). A partir do seu trabalho, já é possível encontrarmos textos com referência ao termo com o desejamos contribuir.

Importante ressaltar que Carone e Ciampa fazem parte de uma geração de pensadores inspirados em Silvia Lane e, para o entendimento das questões ontológicas do termo sujeitos emblemáticos e do próprio NEPIM, é necessário um resgate histórico que não será feito aqui. De todo modo, esse seria um estudo relevante para a construção do termo sujeito emblemático como conceito e de grande valia para a Psicologia Social como área de conhecimento; portanto demarcamos os laços acadêmicos entre Iray Carone e Antonio da Costa Ciampa e, por isso, Kolyniak (1996) registra a fala de Carone em que dissemina o termo sujeito emblemático cunhado por Ciampa.

Embora Kolyniak use o termo “sujeito típico”, sua descrição a respeito nos remete em parte ao que entendemos como sujeito emblemático. Cabe aqui uma distinção. Segundo Kolyniak (1996),

“Quando falamos em ‘sujeito típico’, buscamos nos definir num método dialético, onde não procuramos cristalizar sua tipicidade momentânea através de representantes da média ou da maioria, pelo contrário, estamos procurando entender o movimento que está ocorrendo dentro da área, no caso da educação física. Procuramos, assim, identificar as tendências, as utopias e as veredas que estão se abrindo historicamente.” (p. 56).

Nesse trecho em que a autora define o sujeito típico para defender sua escolha metodológica há, pela descrição que faz, muita proximidade com o termo sujeito emblemático como o estudamos. Há, porém, uma distinção importante entre o sujeito “típico” como apontado por Frederico (1979) e o “emblemático” proposto por Ciampa. Em “*A Vanguarda Operária*”, Celso Frederico (1979) abordava uma questão mais partidária e desse ponto, de modo mais específico, Ciampa busca se distanciar ao usar o termo “emblemático”. Os “operários avançados” ou “típicos”, propostos por Frederico (1979), estavam ligados a uma ação que era definida partidariamente. Ciampa cunha o termo “sujeito emblemático” para diferenciar-se disso. Ora, não é uma posição partidária que necessariamente faz com que o sujeito torne-se emblemático ou não. Não se trata, assim, de uma correlação direta mas de possibilidades emancipatórias, que não são exclusivas de um partido.

Por sua contribuição para pensarmos o sujeito emblemático, analisaremos o trabalho de Kolyniak (1996) de modo um pouco mais detalhado. Em sua dissertação, ela trabalha a identidade de professores de Educação Física e baseia-se no sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto

por Ciampa (1987), trazendo contribuições importantes para o que ela denomina “sujeito típico”. Para identificá-lo indica seis tendências:

- I. Do papel fundamental da coerência, ou seja, que esse indivíduo tenha uma ação coerente com seu discurso;
- II. Desalienação em relação aos processos socio-históricos na construção da realidade;
- III. A busca por possibilitar ao outro experiências significativas com o objetivo de promover mudanças duradouras;
- IV. Superar suas crenças individuais e despertar para a realidade de que as transformações ocorrem a partir do trabalho em grupo;
- V. Harmonizar-se consigo mesmo;
- VI. Ampliar ou integrar sua cosmovisão permitindo a si mesmo estar em harmonia com seu sistema de crenças.

Destacamos aqui que tais indicadores não representam um sujeito emblemático e não buscamos delimitá-lo desse modo. Desejamos, a partir das contribuições de Kolyniak (1996) sobre o sujeito típico, pensar as possibilidades do sujeito emblemático.

Em seu trabalho, Kolyniak (1996) aponta ainda dois aspectos de suma relevância para a construção identitária dos sujeitos típicos: o primeiro, diz respeito à ampliação de consciência como fenômeno não linear mas gradativo por meio de saltos qualitativos resultantes de experiências acumuladas em determinados momentos; e o segundo, que inclui nesse movimento de construção da identidade o contato com os outros significativos, seja diretamente com pessoas ou indiretamente por meio de produções culturais (livros, filmes,

etc). A esses saltos qualitativos que servem a ampliação de consciência, Ciampa (1987) denomina alterização. Segundo ele, alterização é o resultado “de um acúmulo de mudanças quantitativas, às vezes insignificantes, invisíveis, mas graduais e não radicais” (Ciampa, 1987, p. 184). Entendemos que, no caso do sujeito emblemático, a alterização se torna inerente à condição de romper com as identidades pressupostas; leva-o a “criar” um novo lugar.

Outra conclusão a que Kolyniak chega é de que só pela socialização do conhecimento, entendido de forma global e não segmentada, é que se pode compreender um movimento emancipatório em todas as esferas: singular, particular e universal. Essa tendência emancipatória também se expressa, embora não exclusivamente, nas ações de solidariedade e disponibilidade para o trabalho em grupo valorizando e fomentando o desenvolvimento de forma ampla, do grupo social, da sociedade. Isso culmina no que a autora chama de reflexão, que é o processo em que há interação, diálogo e discussão entre duas “consciências” que não resulta em mais consciências mas na ampliação destas e no percurso da emancipação. Descreve como “um processo tipicamente humano e social que, ao mesmo tempo que centra no homem na sua humanidade, aproxima-o daquilo que aprendeu a conhecer por sagrado” (Kolyniak, 1996, p. 193).

Vemos que os pontos colocados acima por Kolyniak (1996) se aproximam mais da visão do indivíduo “típico” do que do emblemático visto que pressupõe um caminho que serve de “modelo” a ser trilhado por alguns ou muitos, aproximando-se de uma representatividade social. Isso não significa que o sujeito emblemático “se faça” sozinho; as interações sociais são inerentes à

condição humana e nos humanizamos a partir delas porém não depende de um dado grupo ou contexto social. Sua representatividade social pode ocorrer como consequência da abertura que faz frente às identidades pressupostas, mas não se configura como um fim.

Kolyniak (1996) acrescenta ainda que “o ‘sujeito típico’ não concretiza a utopia, ele concretiza o movimento no sentido da realização dessa utopia” (p. 57). Vemos aqui novamente uma distinção possível entre o sujeito típico e o emblemático. Ao associar o movimento a uma utopia nos distanciamos do conceito do “típico” mas nos aproximamos no que diz respeito ao “movimento no sentido de”. Para nós, o sujeito emblemático não buscará necessariamente uma utopia mas concretizará sua vontade em busca da emancipação. Aqui relembremos Habermas quando fala que a identidade é sempre uma pretensão interessada, ou seja, é um movimento constante de fazer-se a si mesmo. Identidade é fluxo; é morte-e-vida (Ciampa, 1987).

Como em alguns momentos da dissertação de Kolyniak (1996) o texto remete aos sujeitos emblemáticos e em outros trechos de modo mais frequente ao sujeito típico, ao analisar seu trabalho elencamos alguns pontos sobre os quais desejamos traçar algumas ponderações.

A primeira consideração é sobre uma exacerbação das qualidades desses indivíduos. Ora, acreditamos sim que os sujeitos emblemáticos possam destacar-se frente à comunidade em geral, mas não os compreendemos como “sobre-humano”. É fato que ampliamos as possibilidades ao longo da trajetória humana na História e que com isso a humanidade evolui de uma forma geral. Há ainda que considerarmos o contexto atual em que estamos em que, em função

da tecnologia, especialmente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) diversos elementos humanos ganham novas possibilidades; é inegável que a maneira como temos nos relacionado alterou muitas facetas do comportamento humano e a forma como passamos a experimentar o mundo, amplia o leque de possibilidades de ser e estar no mundo. Considerando isso, vemos que hoje é mais “fácil” encontrarmos um sujeito emblemático e que por seu enfrentamento ao que está posto, especialmente de uma identidade pressuposta, entendemos que o emblemático se aproxima de uma identidade pós-convencional como descrita por Habermas (1983) na qual o indivíduo rompe com os preceitos convencionais do momento socio-histórico vivido na busca por sua emancipação. Dessa forma, entendemos que nesse quesito novamente Kolyniak (1996) tratava de um sujeito típico como menciona em seu trabalho.

Seguiremos então com um outro ponto: a figura do sujeito como sagrado ou herói. Com tal colocação, compreende-se que Kolyniak (1996) está se referindo ao “sujeito típico” pois, ao entender o indivíduo como sagrado ou herói, torna-se alguém sobre-humano, o que já refutamos anteriormente por compreender o indivíduo como ser essencialmente em construção na medida de seu desenvolvimento como humano. Tomamos, por exemplo, a coerência exigida explícita ou implicitamente nos seis itens identificados por Kolyniak (1996) em seu trabalho: essa coerência quase que integral do sujeito não pode ser entendida como intrínseca e tampouco possível se considerarmos o aspecto humano desses indivíduos. Acreditamos que os sujeitos se tornam humanos a partir de suas interações com outros humanos e com o meio, por isso o homem se desenvolve no âmbito das interações constituindo-se, assim, como ser social. Esse desenvolvimento, porém não é linear e estático; ao contrário, como humano

partimos da concepção de que ele se forma também pautado em seus defeitos num processo contínuo e extremamente dinâmico de avanços e retrocessos na busca pela emancipação. A crítica aqui feita sobre esse ponto se justifica pelo cuidado com que tratamos o termo “sujeitos emblemáticos” visto ser ainda tão novo no campo do saber e por isso, frágil. É importante destacar que o sujeito emblemático não se define por características místicas ou heroicas, mas por ser alguém que indica caminhos e por isso muitas vezes pode ser reconhecido em seu meio.

Outro apontamento sobre o trabalho de Kolyniak (1996) diz respeito a uma “função pedagógica” que comporia a identidade desses sujeitos. Não há nenhuma restrição quanto aos indivíduos atuarem ou viverem com foco no desenvolvimento de outras pessoas destacando assim um olhar de atenção social destes; entretanto destaca-se novamente a não obrigatoriedade desse elemento estar presente para que os sujeitos sejam reconhecidos como emblemáticos. Uma vez que os indivíduos lutam por sua emancipação e, ao traçar ou apontar a possibilidade de novos caminhos serem trilhados entendemos que aí se configura o aspecto pedagógico; ou seja, sua contribuição para o meio social em que vive não como uma lição a ser aprendida pelos outros mas como uma provocação ou exemplificação de que sair do *status quo* é possível. Trata-se, assim, da negação de uma identidade pressuposta e abertura de novas possibilidades identitárias.

Nos dedicamos de modo mais intenso ao trabalho de Kolyniak (1996) por ser o pioneiro a usar o termo “sujeito emblemático”, visto que não havia, na época, nenhuma publicação que se referisse à isso. Também é importante

ressaltar que tecemos aqui comentários e apontamentos críticos em relação à distinção entre o “sujeito típico” e o “emblemático” apresentados na dissertação de Kolyniak (1996) porque os termos foram, de certa maneira, tratados como sinônimos. Com o conhecimento que adquirimos sobre o tema, a partir dos demais trabalhos que abordaram o termo “sujeito emblemático” mas que só foram produzidos posteriormente, pudemos agora analisá-los de maneira mais crítica. Por isso acreditamos que existiram em sua dissertação algumas divergências de entendimento se comparado ao que compreendemos hoje como emblemático e por ser tão recente entendemos como intrínsecas ao processo de fazer ciência. Seu trabalho foi de suma importância para delimitarmos agora as diferenças entre “sujeito típico” e “sujeito emblemático” e, assim, dar continuidade na produção acadêmico-científica sobre o tema.

Em continuidade às contribuições teóricas identificadas na revisão bibliográfica, vemos que Pacheco & Ciampa (2006) empregam-no ainda de forma embrionária para analisar a história de vida de Sofia, mulher que passa por uma amputação e atribui um sentido emancipatório ao fato. Para eles, o caso

“é significativo no âmbito coletivo da sociedade, ao evidenciar que casos emblemáticos de metamorfose identitária individual podem ampliar e garantir a plausibilidade de que muitos outros desenvolvam sua capacidade auto-reflexiva, que pode contribuir para a diminuição dos preconceitos estigmatizantes, que deixa a todos numa mesmice que impede a emancipação.”

O aspecto levantado pelos autores de que o sujeito emblemático evidencia no âmbito coletivo a possibilidade de ampliação de uma capacidade autorreflexiva que contribua para a emancipação é entendida por nós em termos de possibilidades. Essa autorreflexão já havia sido apontada por Kolyniak (1996) e aqui ressurgiu de maneira mais clara quando aplicada à história de Sofia.

Rocha (2009) também aponta a autorreflexão como quebra de preconceitos e estigmas que favorece a autodeterminação e a emancipação. Sobre isso discorre pela narrativa do estudo de caso que a limitação física do sujeito o estimulou a ter uma mudança sobre o sentido e o significado do seu entorno; dá como exemplo uma situação na infância em que não dançou com uma menina porque era negra e que percebe atualmente que as diferenças são parte da realidade e não justificam preconceitos. Entendemos isso como autorreflexão que propicia fragmentos de emancipação.

Retomando o artigo de Pacheco & Ciampa (2006), um outro elemento de análise importante que surge é a abertura do sujeito emblemático como categoria de análise. Ao tratá-lo como um singular que é significativo no universal, o sujeito emblemático torna-se então um indivíduo passível de análise para compreensão de um dado contexto. Se o pensarmos como uma pessoa que encarna tendências ainda não perceptíveis aos demais de modo tão claro, podemos analisá-lo também sob o ponto de vista metodológico.

Essa possibilidade do sujeito emblemático entendido como categoria de análise é compartilhada por Miranda (2013) ao discutir o lugar do negro no mundo acadêmico. Defende a autora:

“Tais personagens se precipitam a partir de superações qualitativas em termos de possibilidades de autonomização das ações. A partir destes pressupostos a categoria de sujeito emblemático é compreendida como parâmetro que justifica a construção de um quadro teórico de análises voltado aos princípios de humanização e alteridade.” (Miranda, 2013, p. 26).

Isso vem ao encontro do que nosso trabalho visa: o estímulo a novos estudos acadêmicos sobre o tema. Compartilhamos com a visão de Miranda (2013) de que o sujeito emblemático configura-se como uma categoria de análise

importante para a Psicologia Social por trazer em si a concretização de uma nova forma de ser si mesmo, ou seja, a individuação que ocorre pelas múltiplas possibilidades. Miranda (2013) retoma Habermas para dizer que:

“a condição de sujeito emblemático requer tanto a negação de identidades previamente constituídas em relação ao conteúdo, quanto a produção de uma vivência gerida por processos de socialização, ao mesmo tempo em que se desenvolve e se garante através da individualização” (p. 26).

Sob esse ponto, destacamos o caráter da “negação de identidades previamente constituídas” bem presente em sujeitos emblemáticos. É a partir da negação em assumir identidades pressupostas que o indivíduo torna-se emblemático; é o romper com o que está posto que o caracteriza de uma forma geral. Por isso é que dizemos que é alguém “atenado” pois antecipa formas de individuação e abre um leque de possibilidades ao grupo social.

Lanza (2006) retoma essa visão. Apoiada em Kolyniak (1996) e nos pressupostos de Ciampa (1987), a autora também se refere ao sujeito emblemático para apresentar sua escolha sobre a metodologia escolhida e reforça que:

“Trata-se daquele que, individualmente, sob as condições históricas e materiais existentes, encarna uma tendência de movimento social e histórico, tornando concretas de algum modo essas tendências sociais que vem se delineando no grupo estudado, como parte de um movimento mais amplo na sociedade” (p. 62).

Para que isso se efetive, porém, é imprescindível que o sujeito concretize sua autodeterminação pautado em suas vontades, ou seja, é o desejo de “tornar-se quem deseja ser” que deve ser o fio condutor dessa construção de seu projeto de vida emancipatório. Essa busca por emancipação, por sua vez, é um caminhar pessoal pois cada indivíduo o fará de maneira singular de acordo com seus gostos, planos, sonhos, crenças, limitações, etc.

Assim como no caso de Sofia, compartilhado por Pacheco & Ciampa (2006), a resignificação como processo possível de busca pela emancipação também surge em Rocha (2009) que disserta sobre a integração escolar de um adolescente amputado devido a câncer nos ossos. Diante desse contexto a autora mostra como o jovem constituiu sua metamorfose de forma emancipatória resignificando sua limitação física a partir do esporte. Rocha (2009) conclui, a partir da história de vida de Roberto que

“quando um sujeito consegue atribuir um sentido emancipatório ao sofrimento causado pelo adoecimento e amputação, ele consegue rever seus preconceitos acerca do que é ser uma pessoa com deficiência e, com isso, dar um novo sentido a seus valores e à sua vida, o que propicia uma postura mais reflexiva e aberta às possibilidades” (p. 99).

Vale lembrarmos que não é a resignificação de um evento na vida de um sujeito que o fará emblemático; o que nos chama a atenção é o caráter emancipatório dado pelos indivíduos a eventos importantes em suas vidas. Roberto é então considerado emblemático porque sua atitude emancipatória de associar-se ao esporte como mecanismo de adaptação à nova condição física (pós-amputação) abriu possibilidades para ele repensar a si mesmo como alguém capaz e para outras pessoas de que a deficiência física não significa uma barreira intransponível. Ao encarnar essas novas formas de ser, os sujeitos emblemáticos permitem que, a partir disso, haja uma representação de si na comunidade, demonstrando no universal (o todo) o que ocorreu no nível singular (o indivíduo).

Lanza (2006) reforça o aspecto da resignificação como alternativa de busca por emancipação em sua tese que trata sobre a identidade de enfermeiros homens enquanto homens (gênero) e profissionais da área da Enfermagem.

Com base em histórias de vida utilizadas como metodologia de pesquisa qualitativa, Lanza (2006) defendeu desvelar as políticas de identidade envolvidas nesse contexto e suas possibilidades de emancipação. Segundo Lanza (2006)

“uma pessoa que, sendo homem e enfermeiro, constrói sua individualidade na batalha para vencer os preconceitos e dificuldades do mundo da vida e da ordem sistêmica, para além das condições limitadoras de seu contexto, especialmente em seu trabalho, como profissional que vai encarnando tendências emancipatórias já presentes em seu grupo e na sociedade e que por tudo isso, pode ser considerado um sujeito emblemático” (p. 101).

Vemos nesta descrição que a autora se apropria de conceitos habermasianos para definir o sujeito emblemático. Para ela, não se pode dissociar a condição emblemática do sujeito do seu mundo da vida e da ordem sistêmica em que vive. Essa visão encaixa perfeitamente com a que defendemos pois para tornar-se emblemático o indivíduo precisa romper com a colonização do mundo da vida e aprender a lidar com a ordem sistêmica sem que essa o colonize.

Por meio dessa revisão bibliográfica, pudemos também observar algumas “tendências”. Ao todo foram oito trabalhos que tratavam de alguma forma do tema “sujeitos emblemáticos”. Dos oito casos, seis apresentaram uma característica em comum. A priori, é apenas um “indicativo” mas vale um estudo aprofundado a respeito. O que constatamos é que alguns sujeitos emblemáticos têm uma dedicação de algum modo à comunidade, prestando-se à construção coletiva de conhecimento e a projetos do grupo através do engajamento na mudança do que não merece ser vivido. Interpretamos que esse seria, a partir de uma consciência crítica, o ponto de encontro com um entendimento de si mesmo como sujeito político. São considerados pelo grupo como exemplos de

vida na comunidade e que por isso trariam mais informações sobre si, o grupo e o contexto quando entrevistados. Trata-se de uma mudança qualitativa de uma ação individual desconectada para uma ação coletiva organizada, pautada pelo senso de pertencimento ao grupo e à sociedade, ou seja, uma relação do individual com o particular e o universal.

Esse aspecto político também é encontrado na dissertação de Campos (2007) que o assume no sentido de uma ação que enfrenta de maneira sincera as limitações e ambiguidades do grupo ao qual pertence, uma forma de lutar contra a colonização do mundo da vida reforçando a importância do caminhar em busca da emancipação.

Com o objetivo de esclarecer os motivos de escolha do sujeito de análise do seu trabalho, Campos (2007) define o sujeito emblemático como o que

“traz um emblema do que imaginamos ser uma determinada identidade sem nossas certezas. No fundo ele não se deixa prender pelo papel. Carrega a expressão da possibilidade de emancipação. Sua presença não corresponde as nossas expectativas, mas possibilita um leque maior de intervenções para análise. O sujeito emblemático possibilita a investigação do universal que se materializa no singular” (p. 87).

Essa análise de Campos (2007) é compatível com nossa visão sobre o sujeito emblemático pois traduz a que a identidade desses é construída pela negação das identidades pressupostas e metamorfoseada em uma nova maneira de Ser Humano; é a concretização de possibilidades infinitas. Por isso é passível de análise do universal a partir do singular: da mesma forma que “faz-se” singular, abre portas para o universal.

É com esse olhar que Goldmann (1979) traz um indicador importante sobre os sujeitos emblemáticos: a capacidade de captar certas tendências. Essa

característica é mencionada também na dissertação de Souto (2010) na qual discute a relação entre saúde e identidade a partir do ativismo em redes virtuais. Com base no sujeito do estudo de caso apresentado no trabalho, Souto (2010) nos mostra que “há novos modos de se buscar a emancipação no mundo de hoje e, aponta o que pode ser entendido como uma tendência” (p. 88). Trata-se de uma sensibilidade do indivíduo em enxergar o “não-comum” como uma identidade possível. O sujeito emblemático encarna essas tendências abrindo caminhos ao romper com os paradigmas convencionais e alcançando novos patamares rumo à emancipação por meio de uma experiência real e humana.

Diante do levantamento bibliográfico feito, bem como sua revisão, podemos concluir com base nos trabalhos acima citados que os sujeitos emblemáticos possuem alguns elementos em comum. Ressalta-se que devem ser contempladas não como categorias a serem acumuladas, mas sim como “características” comuns identificadas a partir do levantamento bibliográfico realizado e que se articulam entre si de modo a caracterizar o sujeito emblemático.

A primeira delas refere-se à *consciência*. Vemos em todas as produções teóricas apontadas a ampliação da consciência como papel fundante da construção da identidade do sujeito emblemático. Compartilhamos da visão de Mead (1934) de que a consciência é social, ou seja, é por meio das interações sociais que o indivíduo se faz na sua subjetividade e objetividade. Esse tópico compreende a autodeterminação (o *vir-a-ser* do sujeito), a autorreflexão, a autovalorização e a autonomia. É a partir da consciência que se fará presente a crítica, tão essencial à identidade desses sujeitos. A autodeterminação ganha

assim um elemento muito importante que é a vontade. O indivíduo busca concretizar seu projeto de vida a partir do desejo que tem de efetivá-lo. Entendemos que o desejo ou a vontade do sujeito é que o move para essa concretização de uma nova identidade possível. Nesse sentido, o desejo é o que possibilita seu projeto de vida e a ação que permite que seu *vir-a-ser* caminhe para ser realizado. Associa-se a isso a autonomia, elemento também bem presente nos sujeitos emblemáticos. Tal como aponta Goldmann (1979) eles são “sujeitos de ação” e se orientam pelo mundo da vida na busca da emancipação. Nessa busca o sujeito também se faz valer do conhecimento como meio de transformação. Ao encarnar tendências fica evidente a fundamental importância da ação para esses sujeitos: para trilhar caminhos desconhecidos temos que partir da ação e se considerarmos a potência da ação associada à consciência temos então um salto qualitativo para a emancipação.

Um atributo que podemos entender como particularidade desses sujeitos é a capacidade de antecipar tendências e encarná-las. Podemos dizer que o indivíduo emblemático tem certa sensibilidade para captar antecipações de possibilidades de ser e então assume para si concretizando tal possibilidade, abrindo assim um leque de opções identitárias ao meio social. É por isso que também o chamamos de “anteados” pois captam essas tendências que, em geral, ainda não foram percebidas pela sociedade em geral. Não se trata de um “dom” ou habilidade sobrenatural; é a capacidade do indivíduo de estar “ligado” ao que está acontecendo e de “enxergar” novas possibilidades. Concretiza seu caráter emblemático quando encarna tais possibilidades no mundo.

É importante frisar que concebemos sua capacidade de captar e encarnar tendências a partir da janela histórica e do contexto sociopolítico no qual o sujeito age. É necessário que tenhamos em mente que ao efetivar uma nova identidade possível o sujeito emblemático age efetivamente em seu momento histórico, demarcando, a partir dali, a ampliação de possibilidades identitárias. Isso nos remete de certo modo ao que Kolyniak (1996) chama de *cosmovisão*, termo que aparece implicitamente em alguns outros textos abordados nesta revisão bibliográfica. Entende-se por *cosmovisão* a capacidade de o indivíduo analisar as situações tanto no “microcosmo”, ou seja, ter um olhar crítico de seu meio mais próximo analisando a si e aos do seu grupo, como no “macrocosmo”, percebendo-se em relação ao espaço e ao tempo. Ciente do seu lugar no mundo, o sujeito emblemático age em busca de uma sinergia entre os seus interesses, os do grupo e os da sociedade em geral agindo em prol de um mundo mais justo e humano buscando sua emancipação. No estudo realizado não é possível garantir tal característica tampouco comprovar o nível de consciência do sujeito emblemático em relação a isso; de todo modo, são aspectos passíveis de investigação em estudos futuros.

Outro indicativo possível é o que já apontamos anteriormente sobre a questão social. Sobre isso nos pautamos em Mead (1934) sobre o processo dialético da socialização e da individualização na construção da identidade. Uma vez socializados, não na sua dimensão completa, mas processual e permanente, o sujeito se faz na relação com o outro. Nas indicações feitas nos textos levantados, os sujeitos emblemáticos se apresentaram na maioria dos casos levantados no NEPIM como indivíduos em estreita relação com a sua comunidade, pensando e agindo com e para os outros. Esse enfoque social se

dá na medida em que existe um grupo, uma comunidade que o reconhece e é reconhecida como tal, porém sua ação não espera por esse reconhecimento para acontecer. Em geral o reconhecimento é fruto das ações desses indivíduos no seio da comunidade. Além disso, o sujeito age não com um papel servil, mas atuante no contexto social em que está inserido. É nesse meio social também que haverá a relação com os outros significativos do sujeito.

Diante do apanhado teórico apresentado, temos a possibilidade de traçar amarrações para uma discussão teórica relacionando conceitos da Psicologia Social como a identidade pós-convencional de Habermas (1983), o agir comunicativo proposto pelo mesmo autor e o *ser-para-si* e o *vir-a-ser* de Ciampa (1987).

Conforme elucidado no início desse capítulo, não faremos aqui nenhum aprofundamento teórico visto o objetivo de percorrer historicamente o percurso de construção do conceito ora utilizado. As concepções teóricas serão abordadas ao longo desse trabalho onde serão discutidas à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

3. Histórias em mosaico

Abordar o tema da identidade na perspectiva da Psicologia Social conforme acreditamos significa, inevitavelmente, trabalhar com base nas histórias de vida das pessoas. Comumente nos trabalhos desenvolvidos no NEPIM, utiliza-se como metodologia a análise do discurso de história de vida de um determinado sujeito ou de alguns.

Como partimos das produções acerca do sujeito emblemático feitas no NEPIM até agora, nos apropriaremos das histórias de vida contidas nas dissertações e teses consideradas neste trabalho. Sendo assim, este trabalho não abordará uma história de vida em profundidade, mas algumas de modo mais superficial que nos servirão de inspiração para a compreensão do tema ora estudado. Em razão disso, não nos comprometemos em contar toda a história de vida abordada nas produções acadêmicas que nos apoiaremos, apenas em trechos que nos ajudem na compreensão dos sujeitos emblemáticos.

Vale destacar que todas as produções apresentaram suas próprias metodologias descritas cada qual em seus trabalhos, porém há um fio condutor em todas que é a escuta do entrevistador para a história daquele que contará sobre sua história de vida, suas experiências. Em geral, disparam-se como perguntas norteadoras “Quem é você?” e “Quem você gostaria de ser?” e a partir daí a narrativa de cada entrevistado nasce e toma corpo por si só. O trabalho posterior será do pesquisador a analisar o conteúdo ou narrativa de acordo com a metodologia escolhida para trabalhar com o material de vida de seu(s) sujeito(s) de pesquisa.

Destaco então o objetivo das duas perguntas que consideramos “disparadoras” para a coleta da história de vida. Como pesquisadores de identidade humana, temos como objetivo macro compreender a identidade daquele indivíduo, que é única e ao mesmo tempo, universal. Para tal, ao perguntarmos “Quem é você?”, buscamos que o pesquisado nos conte sobre sua história de vida, seu passado e o que o levou a ser quem ele é/está hoje. A segunda questão nos indicará de forma mais delimitada quem aquela pessoa gostaria de ser, qual seu projeto de vida, quais são seus planos e como pretende alcançá-los. Não se trata necessariamente de um planejamento, mas de que movimentos identitários podemos perceber em busca ou não de sua emancipação.

Ressalto que essa é, em geral, a metodologia que comumente usamos nos trabalhos do NEPIM; no entanto, cada trabalho aqui analisado teve sua própria forma de tecer as histórias de seus sujeitos de pesquisa.

Também vale lembrar que a análise de história de vida é bastante ampla como metodologia. No campo científico, a história de vida se apresenta como uma forma recente de história oral que se fortaleceu enquanto metodologia de pesquisa na década de 60.

Como nos aponta Souza (2006), sua efervescência iniciou como um fenômeno do pós-guerra, especialmente na América Latina onde era vista

“como uma das formas de despertar no terceiro mundo, com influências internacionais e de pesquisadores, uma maior consciência de sua estrutura sócio-político-econômica, bem como a construção de um movimento de descolonização da nova ordem mundial” (p. 30).

Após seu surgimento no início do séc. XX na Escola de Chicago, a história oral e especificamente a história de vida se estabelecem como uma metodologia de coleta de dados do homem no contexto de suas relações sociais e por isso tem enfoque em uma realidade que não pode ser quantificada. A vida não se constrói pelo número de histórias contadas mas pelo que se vive a partir delas. Por isso, o que nos interessa é o modo como o indivíduo relata e interpreta suas próprias histórias traçando não exatamente de uma narrativa cronológica mas de importância para sua biografia sob sua perspectiva pessoal. Nesse sentido, Lopez (2008) ilustra que

“a narrativa [é] construída a partir do que cada um guarda seletivamente em sua memória. Ela corresponde a como organizamos e traduzimos para o outro parte daquilo que vivemos e conhecemos” (p. 37).

Ressalta-se que a história de vida é uma metodologia que triangula necessariamente em três esferas: a histórica, a dinâmica e a dialética. A primeira se pauta na temporalidade contida no relato individual que remete e se refere ao tempo histórico-cronológico; a segunda se diz dinâmica pois apreende as estruturas das relações sociais e os processos de mudança; e a terceira torna-se dialética à medida que teoria e prática são constantemente colocados em confronto durante a investigação. A aplicação desse processo se resume claramente nas palavras de Esteves (1998) que compreende que a história de vida “trata-se da vida construída de uma pessoa, depois interpretada num

determinado momento desta vida, numa situação precisa, por esta mesma pessoa” (p. 43). Ao contar sua história, o sujeito já estará de alguma forma pensando sobre ela.

Também nos valem de Souza (2006) para compreender bem a questão socio-histórica contida nas histórias de vida. Diz assim:

“o entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos e sócio-culturais vividos pelos sujeitos em diferentes contextos” (p. 24).

Entendemos assim o desvelar de uma vida não no sentido de descobrir uma personalidade estática, mas de possibilitar a descoberta do processo de construção da identidade ora revelada que é, por si só, histórica, dinâmica e dialética formando o seu Ser humano nesse movimento de construção e reconstrução de processos históricos e socioculturais.

É nesse sentido que entendemos que o sujeito emblemático pode também ser pensado em termos metodológicos: uma vez que ele, ao percorrer um novo caminho, trilha novas possibilidades para outras pessoas. Seria, dessa perspectiva, uma nova “categoria de análise” para os que buscam trabalhar com histórias de vida. Para isso, abre-se aqui também uma oportunidade de estudo para que a Academia se aprofunde e descubra se isso se confirma e de que forma. Por suas limitações, esta dissertação não se propõe a isso mas tem, sim, a intenção de fomentar estudos nessa área.

Como dissemos no início, não trabalharemos aqui com uma história de vida de forma mais aprofundada, mas nos apoiaremos nas histórias de vida apresentadas nos trabalhos acadêmicos que nos baseamos para tecer algumas considerações sobre os sujeitos emblemáticos. Assim, segue-se nosso mosaico de histórias.

3.1. *A natação como um divisor de águas: a trajetória de Bia*

A história de Bia nos é contada por Kolinyak (1996) que traz em sua dissertação uma metodologia pensada para buscar um sujeito a quem se debruçaria com mais detalhes. Em seu trabalho sobre professores de Educação Física e Metamorfose, a autora optou por uma pesquisa de campo mais ampla que foi se “afunilando”. Dessa forma, chegou à história de vida de Bia, selecionada após os depoimentos colhidos apontarem para uma caracterização de um sujeito que, através da sua ação e consciência, concretizasse em maior ou menor grau as utopias indicadas por “pistas” (Kolyniak, 1996, p. 163).

Bia inicia a narrativa de sua história de vida relatando que suas memórias da infância se iniciam apenas após o seu ingresso na natação aos 9 anos. Dizia ser uma menina muito solitária e tímida, mas ao ser convidada para integrar a equipe de natação do Clube, Bia ganhou novos horizontes: ampliou seu círculo social conquistando amigos, ganhou autoconfiança, fazia viagens com a

equipe... Nadar foi, para Bia, um divisor de águas. Ela nos conta da importância disso na sua vida:

“Geralmente eu passava 3 horas na piscina, e junto com a piscina, claro, o prazer de estar junto com as crianças, com os companheiros da mesma idade... A relação entre os nadadores, as pessoas, as crianças maiores e menores, era uma coisa muito prazerosa” (Kolyniak, 1996, p. 169).

Bia nos revela com isso que não foi apenas a natação como atividade física que a encantou mas todo o contexto que envolvia o esporte. Conta-nos o papel de seu técnico a quem podemos interpretar de um ‘outro significativo’ para ela:

“...E eu acho que uma grande figura, um personagem muito importante nesta relação de movimento, de educação física, de água foi o técnico de natação, professor de educação física. Ele tinha uma relação muito doce com todos nós, com as crianças, com os adolescentes. Eu me lembro que ele não ficava só na coisa de treino, de natação, com ele fazíamos saltos ornamentais, balé aquático, gincanas, viajava muito...” (Kolyniak, 1996, p. 173).

Podemos analisar a partir de sua fala que o técnico ensinou à Bia muito mais do que a prática esportiva. Bia aprendera com ele que é possível conciliar seriedade, responsabilidade com formas lúdicas e divertidas. Supomos que foi a partir de sua relação com o técnico dessa época que passou a desejar uma carreira como professora de educação física. Ao admirar o trabalho do técnico passou a imaginar-se como ele, desejar a ocupar (ainda que inconscientemente) aquele lugar.

Um outro fator que identificamos em parte dos sujeitos emblemáticos é o foco na questão social. Bia, à certa altura da sua adolescência, participava de um grupo de jovens da Igreja Católica que frequentava e que mantinha algumas

atividades voltadas à solidariedade, etc; além disso, também tinha uma professora de filosofia na escola que a instigava muito a respeito de questões sociais. Kolyniak (1996) analisa então a história de Bia sobre esse recorte no trecho a seguir:

“A convivência em grupos, a experiência societária, foi plantando uma personagem, que não veio em cena naturalmente, nem como consequência lógica, ela foi propiciada, facilitava por agentes sociais atuantes. Primeiro, a atitude do técnico, que não estimulava uma posição individualista entre os participantes da equipe, mas uma atitude de grupo unido por laços afetivos. Segundo, o padre que dirigia o grupo de jovens. Em seguida, as inúmeras influências da professora de filosofia no interior, os moradores da casa universitária, dos professores da Rua Maria Antônia, e tantos outros contatos que teve. Estes agentes sociais, unidos a um sentimento de contradição, não explicitada, que percebia em sua própria casa, deram condições para o surgimento da personagem ‘MOÇA EM BUSCA DA VERDADE SOCIAL’.” (p. 173).

Dessa forma, Kolyniak (1996) nos expõe que há uma correlação direta em sua análise sobre a narrativa do sujeito pesquisado: os outros significativos e as inquietações internas de Bia. Segundo suas conclusões, “o sujeito não ‘desabrocha’ sozinho, nem de dentro de si mesmo, mas através de contatos com outros significativos (p. 192). Isso nos remete ao que Mead (1934) nos apresenta como o processo de construção da identidade: a dialética entre individuação e socialização. Uma vez que nos humanizamos a partir dos laços sociais, fundamentalmente somos tecidos pelos outros, especialmente os outros significativos que nos servem como referência de ser humano.

Válido notar as metamorfoses de Bia que ocorreram em sua história de vida. Ela inicia seu relato contando de uma infância não lembrada antes do início da natação aos 9 anos. Dizia-se uma menina tímida e isolada sem grandes desafios ou prazeres. Após começar a nadar por um convite para participar das

aulas, descobre na natação um prazer que até então desconhecia. Confunde, nessa fase, a origem de tamanha satisfação: se pelo prazer da atividade física em si, se pela excitação do convívio com um grupo que a valorizava, se por descobrir em si potencialidades desconhecidas... Bia descobre por meio da natação que projetos de vida são possíveis de serem alcançados. No início de sua adolescência já se reconhece, então, como alguém interessante para o convívio em grupo e participa do grupo de jovens da igreja. Em seguida, sai da fazenda no interior onde morava com os pais para morar em uma casa universitária em São Paulo para cursar ciências sociais. Vê nessa área a possibilidade de se aprofundar em suas questões de ordem social, possibilidade que não enxergava na educação física.

O lado social de Bia foi aflorado ainda mais pelo contexto sociopolítico em que vivia: era meados de 1963/1964. Tendo conseguido um trabalho em um clube onde dava aula de natação, desistiu da faculdade de ciências sociais por uma questão, a priori, de sobrevivência. Sendo essa sua vocação, seu prazer e fonte de subsistência, não hesitou em ingressar na faculdade de educação física na USP. Em pouco tempo surgiram oportunidades fora do país e Bia ganhou o mundo. Seu enfoque social, no entanto, não ficou para trás. Bia trouxe no seu cotidiano, sua forma de agir e pensar, questões ligadas ao social. Em dado momento, surge uma oportunidade em que ela pode conciliar seus dois maiores interesses: é convidada a desenvolver um projeto social na Costa Rica por meio de atividades esportivas. Compartilha com Kolyniak (1996):

“Foi uma experiência maravilhosa para mim, eu fiquei tão entusiasmada com a perspectiva que ele me abriu com relação à dimensão social, política do esporte, a partir da questão do esporte... E na verdade comecei a compreender, acho que foi pela primeira vez, assim, um pouco mais de política pública de esporte... Sou assim, quando vou despertando para a coisa, já vou no engate, eu já quero transformar aquilo em possibilidades concretas” (p. 177).

Na última frase desse trecho, Bia nos traz à tona a concretização de caminhos possíveis que tanto enfatizamos nesta dissertação a respeito dos sujeitos emblemáticos. Há estímulos externos e internos que provocam uma “efervescência” desses indivíduos para a concretização de tendências. Ao efetivá-las, novas possibilidades surgem no âmbito social.

Bia segue falando sobre os caminhos que vislumbrou na época:

“Então, eu passei um ano lá conhecendo coisas incríveis, e queria realizar coisas aqui. Para mim, eu já compreendia que a dimensão tinha que ser macro, não adiantava eu ficar sozinha, timidamente, lá no meu cantinho, fazendo alguma coisa, eu tinha que mexer na estrutura.” (Kolyaniak, 1996, p. 177).

O trecho acima descrito da narrativa de Bia é o ponto que nos aproxima de um exemplo prático das proposições de Habermas (1983) no qual nos aprofundaremos um pouco mais adiante. Essa dimensão macro da qual Bia se refere nos remete ao que vimos no trabalho de Campos (2007) sobre um sujeito emblemático com potencial de ação política. Ora, ao abrir novas possibilidades na estrutura, uma ação política se efetiva enquanto tal. A esse respeito, Bia compartilha uma experiência interessante de cunho emancipatório que se concretizou em um trabalho ligado à prefeitura no Vale do Ribeira no qual buscava adequar o currículo escolar da zona rural da região. Bia relata:

“Começamos a construir coisas juntos com os professores a partir desta reflexão e a gente começou também a perceber que os professores consideravam, e a gente também, que aquele currículo que a vida inteira foi feito era uma coisa dada e que tinha que ser desenvolvido. Na verdade descobrimos fora construído num determinado momento por pessoas com determinados valores e interesses mas que não tinha nada a ver com o momento histórico e com a realidade daquelas pessoas da zona rural e que poderia se mudar completamente. A gente começou a trabalhar como é que se constrói conhecimento.” (Kolyniak, 1996, p. 179, 180).

Vemos que Bia traz em sua fala a consciência socio-histórica que impacta em uma ação política nessa situação. Preocupa-se com consequências de sua ação demonstrando uma visão macro e consciência histórica. Também ilustra o que Kolyniak (1996) sugere como ação pedagógica que propõe que tais sujeitos corroboram com a disseminação do conhecimento. No caso descrito por Kolyniak (1996), não podemos tomar como base tal afirmação pois Bia desempenha o papel de professora e, como tal, a ação pedagógica torna-se inerente a sua função. De todo modo, essa característica mostrou-se comum nos demais relatos colhidos nas produções acadêmicas do NEPIM sobre os sujeitos emblemáticos.

3.2. Roberto: em busca de autonomia

Tal como Kolyniak (1996) se apoia na história de vida de Bia para desenvolver seu trabalho, Rocha (2009) contribui conosco a partir da história de Roberto. A autora aborda em sua dissertação a metamorfose ocorrida na identidade de crianças em processo de escolarização mutiladas pelo câncer e vale-se de oito mini-casos e de um estudo de caso ao qual o compreende como

um sujeito emblemático. Assim, nos apropriaremos brevemente de seu estudo de caso para contribuir com nosso trabalho. Rocha (2009) apresenta Roberto a partir de sua relação com ele. Aos 15 anos quando a pesquisadora o conheceu, Roberto já tinha uma de suas pernas amputadas e já não tinha cabelo em função da quimioterapia. Nascido no norte do país, foi diagnosticado com câncer ósseo aos 14 anos e veio para São Paulo em busca de tratamento que incluiu a amputação.

Ainda durante o tratamento, já amputado, Roberto ingressou no mundo do esporte fazendo parte de um time de vôlei para pessoas com deficiência física, tendo inclusive disputado campeonatos nacionais e internacionais. Rocha (2009) atribui à experiência esportiva de Roberto o ponto alto de uma metamorfose em busca de emancipação. Diz a autora:

“A convivência com outros atletas, com mais tempo de amputação e maior experiência, o levou a perceber o que era capaz de fazer. Mas, ainda aí, a amputação era a condição para sua permanência no time. O foco da atenção ainda era a deficiência.” (Rocha, 2009, p. 96).

Após a conclusão do seu tratamento, Roberto volta à sua cidade mas já não se percebe mais o mesmo. A metamorfose fica evidente ao sentir-se igual e diferente; morte e vida; metamorfose humana. Roberto apresenta nesse momento de sua história a mesmidade, efetivando uma não aceitação do personagem “coitadinho-incapaz” para superá-lo e buscar sua emancipação. Rocha (2009) retoma então às palavras de Ciampa (1994) lembrando que por mesmidade compreende-se autenticidade que envolve auto-reflexão e autodeterminação (p. 90).

Ao retornar para casa, busca se adaptar com autonomia, retoma os estudos com o apoio de um tio, a quem ele se refere ficando claro tratar-se de um “outro significativo” para Roberto. Relata também sua adaptação à nova rotina e decide traçar planos ousados perante o Roberto antes de sua doença: cursar uma universidade. Dedicar-se para concretizar seus sonhos e os alcança. Sobre o ingresso na universidade, Rocha (2009) analisa como algo de grande impacto na identidade de Roberto. A autora compartilha:

“O desafio de passar em uma universidade estadual, que tem o vestibular considerado o mais difícil de seu estado, no segundo curso mais disputado, traz repercussões positivas em sua percepção de si mesmo e suas potencialidades. Roberto consegue atribuir um sentido emancipatório à sua doença e sua amputação. Todavia, o início dessa transformação não se deu na entrada da Universidade, mas já vinha sendo tecida. O processo de metamorfose vai se concretizando passo a passo.” (Rocha, 2009, p. 96).

Temos diante de nós, compartilhado por Rocha (2009) um caso emblemático. Não por suas superações físicas unicamente, mas porque Roberto demonstra ser possível uma nova forma de Ser a despeito de sua condição física. Resignifica sua doença e sequela, assumindo a responsabilidade por sua autonomia e projetos de vida, concretizando sua busca pela emancipação através de metamorfoses que nos foram apresentadas por meio da dissertação de Rocha (2009).

A auto-reflexão de si como alguém que tem uma limitação física mas que a supera em suas atividades diárias; a retomada de uma rotina que já não se mostra mais a mesma mas que o desafia e ele a supera; os planos, sonhos, seu projeto de vida esboçado e sendo trilhado de forma autodeterminada; todos

esses elementos tecidos dinamicamente fazem de Roberto um sujeito emblemático também aos nossos olhos: um atleta de si mesmo.

3.3. “Cara-de-pau”: a narrativa de Sofia

No caso do relato contido no artigo de Pacheco & Ciampa (2006), a história de vida compartilhada foi a de Sofia, uma mulher de 43 anos que passara por amputação dos dois membros inferiores devido a um acidente ferroviário ocorrido no ano de 2001. Sofia nos demonstra em seu relato como suas interações sociais propiciaram sua adaptação e estimularam uma auto-análise que permitiu com que ela se visse com outros olhos. O artigo nos traz que

“Sofia relata na seqüência momentos difíceis, em que sua metamorfose identitária vai acontecendo através de sua força interna e relações com o outro. Assim, ao contar como foi o acidente que causou a amputação, bem como o posterior período de hospitalização, quando vivenciava momentos de grande angústia e tristeza, medos e incertezas, destaca que os outros representaram um papel significativo para sua sobrevivência, tanto física quanto psíquica. É neste período, segundo Sofia, que os exemplos de vida de outras pessoas internadas no hospital a ajudaram a se erguer e perceber, através do olhar positivo e de admiração do outro em relação a ela, que havia outras formas de se ver e assim, possibilitar sua metamorfose no sentido da “mesmidade”, superando a “mesmice” em que se encontrava como a ‘garota tímida’ até então. Assim, quando sai do hospital, enfrenta o olhar dos outros e a vergonha que sente diante das pessoas vai desaparecendo, fazendo desaparecer também a ‘garota tímida’, ao surgir em seu lugar uma mulher transformada que começa a se autonear como a ‘cara de pau’. A personagem ‘cara de pau’ utiliza a estratégia de, ao conversar com as pessoas, olhar nos olhos delas e mostrar todo seu potencial, pois percebia que o desconhecimento dos demais em relação à pessoa com deficiência física aumentava o preconceito e a discriminação.

Sendo assim, ao surpreender o outro com uma atitude diferente da comumente esperada, Sofia negava o estereótipo de que a pessoa com deficiência é sempre incapaz, fracassada, infeliz etc e provocava uma mudança qualitativa em suas relações, superando a identidade pressuposta de 'garota tímida', provocando, assim, uma transformação não só em si própria, mas também no próximo." (p. 165, 166).

Sofia nos traz um elemento importante para pensarmos o sujeito emblemático. Ela encontrou uma maneira para se colocar dentro do contexto social de forma diferente do esperado. Como nos ilustra o artigo, a pessoa com deficiência ainda passa por um estigma social de incapacidade e fragilidade. Ao posicionar-se como uma pessoa autodeterminada e de forma emancipatória, Sofia abre uma possibilidade de gerar em suas interações "um reconhecimento social que dá início à modificação de valores sociais, à melhora na qualidade de vida e ao incremento da inclusão social de pessoas com deficiência" (Pacheco & Ciampa, 2006, p. 167).

Dessa forma, identificamos em Sofia um sujeito emblemático pois traz em sua conduta e história de vida uma projeção emancipatória já iniciada. A partir da ressignificação de sua deficiência para si mesma, voltou suas energias para uma forma de interação com os outros que quebra o *status quo* e alienação social ainda existentes em função do estigma em torno de pessoas com deficiência. Nesse sentido, abre novos caminhos possíveis para pessoas que, como ela, possuem uma limitação física.

3.4. Marcos: um homem enfermeiro

Vemos em Lanza (2006) uma outra forma de Ser emblemático. Em sua dissertação, a autora trabalha com a temática da política de identidade relacionada ao enfermeiro-homem. O trabalho abarca a discussão da dificuldade enfrentada pelo sexo masculino em ingressar, se manter e quebrar o estigma consolidado por uma hegemonia feminina nesse mundo do trabalho da Enfermagem. Abrange, também, temas como a alienação da classe, os avanços e retrocessos da Enfermagem no campo do saber colocada, ainda hoje, como uma classe subalterna à Medicina, a utilização de práticas da Enfermagem à serviço dos interesses capitalistas que os hospitais praticam, bem como a política de identidade do enfermeiro homem caracterizada por um olhar de minoria geralmente associada ao homossexualismo.

Para ilustrar toda a gama de assuntos complexos e sistêmicos que a dissertação expõe, Lanza (2006) nos apresenta a história de vida de Marcos, um enfermeiro-homem. Marcos mostra-se emblemático ao agir de modo estratégico para alcançar um objetivo maior: romper com a hegemonia existente e propor novas formas de se pensar e fazer a Enfermagem. Sobre isso, a pesquisadora retoma Habermas para nos esclarecer:

“Podemos evidenciar a profunda preocupação e envolvimento com as questões coletivas e da própria profissão no contexto social. Nesse recorte, de acordo com Habermas (1976), o agir instrumental, caracterizado pelo conhecimento disponível na área, não deve se apresentar como fim em si mesmo, mas como uma garantia de avanço do agir estratégico de um grupo profissional, que pode aumentar a racionalidade das políticas públicas de saúde, para atender às demandas da sociedade.” (Lanza, 2006, p. 93).

Pautado nas concepções habermasianas, a autora faz essa análise que se mostra bastante alinhada ao que temos trabalhado como um sujeito emblemático. A história de Marcos nos elucida uma maneira de ser emblemática que, nesse caso, se expressa no enfrentamento à hegemonia posta (modelo médico) que encontra “na sua própria realidade o suporte de reflexão e de ações para intervir sobre ela” (Lanza, 2006, p. 93).

Retomaremos assim, brevemente, a história de Marcos de maneira sequencial como foi apresentada por Lanza (2006), cadenciando os eventos narrados pelo sujeito para que se torne compreensível ao leitor o que queremos mostrar aqui. Conta-nos que sua relação com a Enfermagem tem um elo emocional já que sua avó trabalhava em hospital e que quando era levado por algum motivo de doença, projetava-se naquela função de “cuidar”. Teve dúvidas na escolha do vestibular por já conhecer ou imaginar os desafios que passaria ao cursar Enfermagem e por isso estudou Medicina por 1 ano mas viu que sua vocação era em outro papel. Relata as dificuldades encontradas no curso pelos diversos estigmas presentes na área mas os combateu de frente com uma postura aberta e crítica para, enfim, “ser quem queria ser” (Lanza, 2006, p. 87). Anos depois ao ingressar no mestrado Marcos conta o que isso significou na vida dele:

“o mestrado teve um significado pra mim muito menos acadêmico, mas muito mais de vida. [...] Eu acho que o mestrado é uma coisa que tem que te dar instrumentos [...] mas mais do que isso, ele tem que construir um ser humano diferente também, te dar ferramentas que você possa utilizar de uma maneira diferente na sociedade. [...] acho que até a minha vida se transformou. Meu casamento mudou por causa do mestrado, a minha vida mudou. Eu percebi que houve mudanças tanto no plano pessoal, como no plano social, como no plano político e no plano acadêmico” (Lanza, 2006, p. 98).

A história de vida de Marcos contribui para pensarmos o sujeito emblemático a partir de uma maneira de Ser e Estar no mundo que busque pela emancipação. O trecho acima demonstra as metamorfoses de Marcos ao longo da experiência do mestrado. Após o mestrado, fez uma pausa nos estudos por 2 anos pois foi na época que seu filho nasceu. Em seguida, dedicou-se ao doutorado e vinculou-se a uma associação de Enfermagem para continuar estimulando novas práticas profissionais, mais reflexivas e menos “serventes” do mundo sistêmico.

O que desejamos ressaltar nessa história de vida é que não são as ações isoladas que tornam um sujeito emblemático ou não. No exemplo de Lanza, não foi o mestrado em si que o mudou (como descrito no trecho extraído de sua narrativa), mas a forma como Marcos se apropriou dessa experiência, o significado que atribuiu e como isso foi um motor que propiciou fragmentos de sua emancipação.

3.5. B.: ativista de si mesmo

O exemplo trazido por Campos (2007) contribui para ampliarmos um pouco mais essa discussão. Seu estudo de caso foi desenvolvido pela história de vida de B., um ativista autonomista que travou diversos movimentos políticos e partidários até encontrar-se com seu projeto de vida. Tendo influências familiares com posicionamentos políticos bem definidos, B. iniciou sua narrativa remontando ao seu papel de militante. Conta à dissertação de Campos (2007) que foi um “adolescente chato” que discutia política o tempo inteiro enquanto seus colegas se interessavam por outros assuntos. Ao ingressar na universidade para cursar Direito associou-se ao centro acadêmico onde iniciou, de forma prática, atividades de militância esquerdista. Daí em diante seguiu a vida envolvido em movimentos anticapitalistas, por vezes associado à partidos políticos. Percebeu-se, em dado momento de sua trajetória, que a militância já não fazia mais sentido pois a militância tinha um cunho mais institucional; via-se agora como um ativista autonomista que age de forma mais descentralizada e legítima para si.

B. nos mostra que as metamorfoses do indivíduo sempre ocorrem de modo a dar sentido para a vida do sujeito emblemático. Por mais adversa que seja uma situação, a transposição dessas barreiras fortalecem os recursos internos do indivíduo e dão forma a uma nova maneira de ser no mundo da vida. A narrativa de B. nos remete à uma ação mais política pois seu fazer é um ato político enquanto ativista por uma sociedade mais igualitária e justa. Não queremos aqui “classificar” o sujeito emblemático como um indivíduo politizado

necessariamente, mas demonstrar que essa é uma das formas de ser emblemático. B. pode ser visto como tal por sua ação em favor de um projeto de vida mais emancipador.

3.6. *May.com: a busca pela emancipação na rede*

A análise de uma história de vida nunca deve desconsiderar seu contexto e momento histórico. No estudo de caso apontado em Souto (2010), isso fica bem evidente. A autora faz uma reflexão sobre as políticas públicas de enfrentamento ao sedentarismo e os desdobramentos disso em comunidades na internet. Para tal, analisou a história de vida de May que faz a mediação da comunidade “Sedentários Assumidos” no Orkut; com esse estudo de caso, Souto (2010) se propôs a exemplificar a individuação como forma de emancipação por meio do ativismo em comunidades virtuais.

Souto (2010) nos mostra em May, que as comunidades virtuais tão utilizadas atualmente como maneiras de relacionamentos sociais entre os indivíduos, pode ser uma ferramenta de concretização da individuação do sujeito em busca de sua emancipação. Enquanto mediadora da comunidade “Sedentários Assumidos”, May assume papéis sociais e os desempenha de forma autônoma e inovadora quebrando estigmas impostos pela ordem sistêmica e assumindo novas formas de Ser Si mesma, ou seja, concretizando no particular seu projeto de vida.

A história de May contribui para pensarmos o sujeito emblemático também sob outro viés. Sua participação nas comunidades virtuais é autônoma e voluntária; May participa, interage e assume papéis sociais no mundo virtual porque deseja fazê-lo. Sendo o ambiente virtual um prolongamento do mundo concreto, as potencialidades emancipatórias que tais espaços apresentam não se diferenciam dos espaços concretos nesse sentido (Souto, 2010, p. 96). Sendo assim, May destaca que as novas formas de interação social mediadas pela internet propiciam fragmentos de emancipação da mesma forma que os espaços convencionais. É a partir da sua apropriação da ferramenta para concretizar seu projeto de vida que a história de vida de May pode ser entendida como um caso emblemático pois rompe com a razão interessada da ordem sistêmica de fazer negócios e alimentar o capitalismo por meio da alienação das pessoas e assume um caráter emancipatório para si.

3.7. (Des)acolhimento institucional: a história de Molly

Decome Poker (2014) também faz uso do termo estudado em sua dissertação. A autora trabalha com políticas de identidade no acolhimento institucional e a busca pela emancipação por meio da história de Molly. A narrativa descreve a infância desprovida de cuidados e afeto inerentes ao desenvolvimento infantil. Embora tivesse familiares, após a morte de seu pai Molly vai para uma instituição de acolhimento (popularmente conhecida como abrigo) aos 7 anos de idade onde passa parte de sua infância e adolescência.

Durante esse período, Molly teve contato com outros significativos que a fortaleceram emocionalmente e contribuíram para o enfrentamento de sua situação. Decome Poker (2014) ressalta que pessoas do exogrupo (externas à instituição em questão) não alimentam uma política de identidade do institucionalizado “no sentido de assujeitamento e adaptação à instituição” (p.151). Como Molly frequentava a escola e passava a época de festas de fim de ano junto com uma família com a qual criou vínculos, alguns de seus professores e seus “padrinhos” a encorajavam ou estimulavam a denunciar as práticas abusivas da instituição. Decome Poker (2014) recorre à Buther e à Habermas para discutir as questões de direitos; retoma o *sujeito de direitos* de Buther em que as pessoas entendidas como tal especialmente de direitos à proteção com danos e destruição. Assim Molly ao assumir-se como um sujeito de direitos contribuirá para que “possa articular com os abusos e a colonização do mundo infanto-juvenil, pois essa condição garante também a sua humanidade” (Decome Poker, 2014, p. 151).

Ao ser reconhecível como propõe Buther (2010, apud Decome Poker, 2014) por seus outros significativos, Molly expande as possibilidades de sua emancipação. Decome Poker (2014) pauta-se então em Habermas de que somente com a apropriação dos direitos é que o indivíduo pode diferenciar-se em seu meio social tendo um agir orientado para o sucesso. Ao ser encorajada, Molly faz denúncias dos abusos vividos na instituição para os órgãos competentes e com isso “encontrou uma forma de negar o que os outros tentavam prescrever e impingir à sua realidade e, a partir disso, buscar o possível caminho para a concretização do seu projeto de vida” (p. 152). Molly nos conta:

“Eu peguei e denunciei, fui eu e mais um grupo de meninas e meninos que foram lá denunciar. Eu fugia, pulava o muro e ia no Conselho. Às vezes, eu ia no Fórum. Ah! Eu ia no Conselho, falava, aí depois ou o conselheiro me levava de novo para o abrigo ou alguém do abrigo ia me buscar. Às vezes não surtia nenhum resultado assim, mas quando foi essa vez desse cara, aí surtiu efeito. Aí parece que ele não pode aparecer lá, pôr, pisar por trezentos metros, um negócio assim. Ele não pode chegar perto...” (Decome Poker, 2014, p. 152).

Esse episódio na história de vida de Molly se aproxima do que discorreremos aqui sobre os sujeitos emblemáticos. Ao descobrir que a denúncia dos abusos sofridos na instituição em que vivia e organizar um grupo de colegas para tal, Molly rompe com as políticas de identidade do institucionalizado e assim abre novas possibilidades para as outras crianças e adolescentes que compartilham da mesma situação, além de avançar no sentido da sua busca pela emancipação.

Mesmo sem conceituar, Decome Poker (2014) associa Molly como um sujeito emblemático “por conseguir romper com a trajetória de marginalidade e vulnerabilidade ao qual foi exposta como tantos outros e estabelecer novos sentidos com outras significações em sua vida” (p. 44, 45).

3.8. *Em busca de deixar de ser escravo: a luta de Eduardo*

Temos na tese de Miranda (2013) uma outra história para ilustrar as possibilidades de um sujeito emblemático. Esse doutoramento aborda a identidade do negro profissional acadêmico e as políticas de meritocracia bem como as dificuldades encontradas nesse trilhar historicamente colocadas por

uma hegemonia branca. Para trabalhar o assunto e as discussões inerentes, a autora descreveu alguns casos com ênfase na história de Eduardo, seu estudo de caso emblemático.

A narrativa de sua história de vida traz o enredo de sua trajetória e os percursos trilhados para que Eduardo pudesse buscar transformar-se em quem gostaria de ser; as metamorfoses em busca de sua emancipação.

Negro e pobre, Eduardo conta as barreiras que transpôs para alcançar seu projeto de vida, sua autodeterminação. A vontade de ser um profissional acadêmico e o desejo de ser reconhecido como tal, foram as molas propulsoras de Eduardo para que, a despeito das dificuldades impostas especialmente pelo sistema hegemônico, ele concretizasse novas formas de ser. Eduardo ilustra isso ao falar sobre sua escolha pelo papel de professor:

“[...] Eu gosto muito de ser professor. Então eu tenho um compromisso com aquilo que estou fazendo. Aquilo ali faz parte de mim também, não é? Não é uma profissão que eu escolhi porque iria me dar algum status, alguma coisa não; eu escolhi porque eu gosto de ser, então eu tenho um compromisso. Aí eu me dedico àquilo.” (Miranda, 2013, p. 251).

Sua vontade transforma-se em compromisso; é dessa forma que Eduardo se metamorfoseia em busca de sua emancipação. Para alcançar seus objetivos e driblar as amarras do sistema, Miranda (2013) o descreve como “estrategista”. Segundo ela, “nosso depoente se matricula no mestrado para deixar de ser escravo” (p. 254). Eduardo vale-se de estratégias que fogem à política de meritocracia ilusoriamente justa que é ditada pela hegemonia branca e assim quebra o “racismo sutil” existente no meio acadêmico. Ingressa no doutoramento em uma universidade pública, atingindo seu projeto de vida inicialmente idealizado. Vemos que Eduardo se apropria do agir instrumental orientado à um

fim para alcançar seu projeto emancipatório. Torna-se emblemático ao superar qualitativamente uma política de identidade do negro arraigada no racismo cultural e ampliar as possibilidades de autodeterminação de si.

Diante disso, resgatamos os casos estudados para a elaboração desta dissertação. Entendemos que era isso que Celso Frederico (1979) nos dizia quando aborda a vanguarda operária. Não se trata de ativismo político ou não mas como naquela época a figura operária que rompia com o sistema para estimular um mundo da vida menos alienado saltava como inovador para o contexto em que se vivia. Nascia naquela figura uma possibilidade antes inimaginável. Do mesmo modo, Goldmann (1979) remonta aos artistas para tratar o “sujeito típico”. A arte é um espaço propício à ruptura de padrões; à época, alguém que se destacava por concretizar possibilidades. Esses elementos podem ser vistos em todos os trabalhos aqui apresentados. O sujeito emblemático tem como motor a vontade da autodeterminação que se concretiza ao assumir novas formas de Ser no mundo na busca pela realização de seu projeto de vida emancipatório.

4. Sujeitos emblemáticos a partir de referenciais teóricos

4.1. *De onde partimos*

O tema da identidade tem sido recorrente dentre as produções acadêmicas no campo da Psicologia Social e por isso é, nas palavras de Ciampa, uma teoria em construção.

Na concepção empregada, a identidade é entendida com caráter de metamorfose, processo que se inicia e se finda para além do curso cronológico da vida. “A metamorfose é a expressão da vida. Como tal é um processo inexorável, tenhamos ou não consciência dele” (Ciampa, 1987, p. 113). Pressupõe movimento, fluxo; concretiza-se no tornar-se humano na medida de suas interações sociais.

Temos assim que a identidade se metamorfoseia em busca da emancipação ou não. Nesse *vir-a-ser* adquire a capacidade de Ser na História, de agir e sofrer influências no e do tecido social. Emancipação, dessa forma, configura-se sempre como uma busca por libertar-se da opressão e exploração vividas nas relações hierárquicas do contexto social. Sendo essencialmente um ser social, o homem à medida que rompe com tais experiências opressoras e exploradoras, seja libertando-se ou as ressignificando, ganha novas possibilidades de quebra da alienação alcançando fragmentos de emancipação.

A partir disso, este trabalho busca contribuir com a construção desta teoria a fim de trazer novas concepções acerca da identidade humana, especialmente

no que se refere aos sujeitos emblemáticos. Abordará, também, temas do discurso contemporâneo como o uso da internet na mediação entre as pessoas e a organização social em rede; com isso visa atualizar as discussões no cerne da Psicologia Social se aproximando de conceitos de outras áreas do saber que permeiam a nossa.

Portanto, esta dissertação traz tanto uma contribuição teórica quanto metodológica no sentido de reunir as produções acadêmicas realizadas no NEPIM sobre o que chamamos de sujeitos emblemáticos, além de abrir novas possibilidades de estudo no campo científico. A escolha pelo tema surgiu da dificuldade enfrentada para encontrar referências enquanto conceito e assim veio à tona o desejo de pesquisar algo que viesse a deixar um legado para a teoria em construção: o tema acerca dos sujeitos emblemáticos e as amarrações teóricas no sentido de torná-lo um conceito da Psicologia Social.

4.2. Referenciais teóricos

Como mencionamos inicialmente, para trabalhar na construção do conceito conforme nos propusemos, partiremos da identidade baseada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação enunciada por Antonio da Costa Ciampa e nos pressupostos de Jürgen Habermas, especialmente seu conceito de identidade pós-convencional.

Por meio do levantamento bibliográfico, foi possível observar que a temática já era discutida em meados das décadas de 70 e 80 no meio acadêmico

especialmente no campo da Filosofia e Sociologia e, embora ainda de forma embrionária na época, nos ajuda hoje a compor e compreender o termo “sujeitos emblemáticos”.

Em 1979 Lucien Goldmann nos trazia um elemento característico desses indivíduos em sua obra *Dialética e Cultura*: quem ele chamava à época de “sujeito típico”, possuía a característica de ser uma pessoa de vanguarda, alguém que podemos chamar de visionário. A possibilidade de encarnar tendências futuras em relação ao que está consolidado atualmente é o que se destaca nesses indivíduos; consideramo-los então pessoas atentas ao que acontece ao seu redor. Assim, ao antecipar outras formas de ser que podem ser vividas por outras pessoas, abre então, novas possibilidades sociais o que pode contribuir também com o campo metodológico do fazer científico na área social.

Nos apoiamos em Oliveira (2001) para tratar do sujeito emblemático dentro da concepção dialética entre o singular-particular-universal, entendendo como indispensável uma análise desse indivíduo como parte desse processo que compreende a “complexidade da universalidade que se concretiza na singularidade, numa dinâmica multifacetada, através das mediações sociais – a particularidade” (p. 26).

Vemos que isso se expressa tanto como justificativa para a escolha metodológica desse trabalho uma vez que a amostra intencional se configura representativa do universal por sua relação com o indivíduo por meio do particular, como também ao pensar o sujeito emblemático como uma nova forma de ser que configura uma possibilidade metodológica.

Uma elucidação a respeito dos sujeitos emblemáticos à luz da perspectiva metodológica é encontrada na tese de Miranda (2013) na qual o considera um “indivíduo potencialmente representativo de uma comunidade de destino que, a partir de um determinado referencial de papéis [...] edifica personagens que constroem novos sentidos de existência” (p. 25). Por personagem, compreendemos sob à ótica de Ciampa (1987), que é a expressão da forma como o sujeito vivencia de modo singular aquela experiência.

A autora retoma Habermas (1983) ao frisar que, ao estar na condição de emblemático, tal sujeito

“requer tanto a negação das identidades previamente constituídas em relação ao conteúdo, quanto a produção de uma vivência gerida por processos de socialização, ao mesmo tempo em que se desenvolve e se garante através da individualização” (Miranda, 2013, p. 26).

Assim, percebemos a clareza da relação presente entre o ser (singular) e a sociedade (universal) que se concretiza sob a dialética da socialização e individuação e que devemos, ao analisá-lo, contextualizar a partir dos modelos de organização social nos dias de hoje (Oliveira, 2001). Destacamos, assim, o papel das diversas formas em que a tecnologia permeia nossas relações. Em um mundo cada vez mais conectado em que os sujeitos estão constantemente em meio a diferentes canais de comunicação e informação, vemos que esta habilidade de se antever a movimentos ou tendências se associa ao fato de o indivíduo estar antenado ao que acontece em torno de si, num contexto global e histórico.

Para estudar esse aspecto, nos aproximamos da teoria de Manuel Castells sobre a sociedade em rede. Sociólogo espanhol, Castells (2003) define a rede como “um conjunto de nós interconectados” (p. 7), o que basta como

definição especialmente se pensada em termos sociais. Vemos que isso vem ao encontro do que acreditamos: quando dizemos que o homem é um ser social e humanizável a partir de suas interações com os outros em seu meio, dizemos que essas interações se estabelecem em sua rede. A organização em rede é, intrinsecamente, uma prática humana; nascemos em rede.

Nessa concepção, Castells sugere que a organização social em rede veio substituir gradativamente a Era Industrial especialmente a partir da Era da Informação. Compara, por exemplo, a importância da internet para os dias atuais como a da energia elétrica para a Era Industrial. Como coloca Castells (1999):

“Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou a sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico” (p. 44).

Com o advento de novas tecnologias que possibilitam novos arranjos sociais e facilitam as interações humanas mediadas pelas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), o acesso cada vez maior à informação e com isso a quebra de barreiras que elas permitem, torna-se mais fácil a emergência dos sujeitos emblemáticos. Não sugiro aqui que sejam fruto das novas formas de comunicação; é fato que existiam antes disso, mas é inegável que a partir delas tornou-se mais fácil encontrá-los. Com o processo de globalização somado ao acesso à internet, e por meio dela, aos diferentes meios de comunicação, a interação humana ganhou novas possibilidades e alcance.

Por outro lado, podemos notar que a tecnologia também tem contribuído muito para a dominação e exploração do ser humano, o que nos leva a pensar

sobre qual o papel da tecnologia nos dias de hoje. Essa conexão também é utilizada a favor da colonização do mundo da vida, o que enfraquece a autonomia do indivíduo e prejudica seu projeto emancipatório. Por mundo da vida podemos dizer de modo simplificado que se trata de um “complexo simbolicamente estruturado” composto por três elementos “originalmente entrecruzados” que são a cultura, a sociedade e as estruturas da personalidade (Habermas, 1990, p. 99). Para o autor, a colonização do mundo da vida ocorre quando há uma intervenção por parte do sistema. Abordaremos isso mais adiante.

Voltando ao papel da tecnologia na vida das pessoas hoje em dia, esse é um ponto destacado de forma veemente na fala de Dinho, nosso sujeito emblemático escolhido para colaborar com este trabalho nos contando sua história de vida. Como veremos e acreditamos ser esse o caminho, é importante que tenhamos em mente o lado negativo que a tecnologia pode representar, porém muito se depende de qual o uso se faz dela. Ora, o caráter emancipatório de algo é dado a partir do papel e função que aquilo assume para cada indivíduo. O mesmo se aplica a outros campos comumente apontados como colonizadores do mundo da vida como o dinheiro e a religião, por exemplo, mas também sabemos que isso depende da forma como os indivíduos se apropriam disso, ou seja, qual o sentido empregado pelo sujeito àquilo.

No que se refere à tecnologia, não se trata apenas de formas de comunicação, mas, como dissemos, de novas possibilidades de interação social e principalmente dos usos possíveis. Com a realidade de um mundo em que as pessoas podem se relacionar por meio da tecnologia, limitações como distância e falta de informação são sanadas ou diminuídas significativamente. A internet

dá acesso a múltiplas fontes de informação e estímulos que possibilitam a ampliação da capacidade humana de criatividade, pensamento e ação, entre outras.

Vemos que há, nesses indivíduos, elementos do que podemos chamar de autenticidade, uma vez que concretizam novas formas de ser e estar no mundo. Ao fazê-lo, o sujeito emblemático encarna possibilidades de ruptura ou desconstrução de mundos colonizados fomentando sentidos emancipatórios ou não.

Estamos falando então de sujeitos mais conectados ao que acontece no mundo e que isso sim facilita que os sujeitos emblemáticos sejam menos raros do que Goldmann (1979) nos referenciava em meados da década de 1970. Como veremos ao longo deste trabalho, os sujeitos emblemáticos não são extremamente comuns e, por isso, geralmente se destacam em meio ao grupo social, mas é fato que as facilidades de um mundo globalizado e conectado as relações em rede ampliam o espaço público aumentando as chances de encontrá-los.

Castells dá luz a isso de forma muito pertinente quando faz sua análise sobre a transição da Era Industrial para uma nova maneira de organização social em *A Sociedade em Rede* (1999). Antes, mais hierárquica e centralizada, agora se inicia a possibilidade de uma sociedade que se organiza de forma menos enrijecida e mais fluida em função das conexões. Não estamos, com isso, caindo na utopia de que a organização em rede acabe com problemas de ordem global como a opressão e exploração sentidas muito em função do capitalismo, por exemplo. Contudo, em um cenário mundial em que é possível que a rede de

conexões se amplie de modo ao indivíduo potencializar seu campo de visão e ação, isso ganha novas concepções de ação individual e coletiva. Alertamos novamente também para a potência disso à serviço da colonização do mundo da vida, o que faz com que o indivíduo passe a prender-se muitas vezes de forma voluntária e ingênua, distanciando-se cada vez mais de sua emancipação.

É importante resgatar que o conceito de rede que usamos neste trabalho não depende da tecnologia; pelo contrário, rede é uma maneira de se organizar socialmente. Um formigueiro, uma colmeia ou um grupo de amigos são exemplos de rede. Entendemos por rede um grupo de seres que interagem entre si.

Embora não visemos trabalhar a respeito do uso das tecnologias é inegável o papel da internet e das TIC em geral na estrutura social global nos dias de hoje. Pensando sob a perspectiva sócio-histórica atual, vemos que a tecnologia tem também servido em muitos casos como ferramenta para o movimento emancipatório dos indivíduos. Nesse sentido, podemos incrementar essa discussão buscando em Jesus Martín-Barbero (2003) as contribuições necessárias para nos ajudar a pensar sobre o sujeito emblemático. Antropólogo e filósofo colombiano, o autor propõe em seu artigo “*Identidad, Tecnicidad, Alteridad*” uma análise crítica ao Fórum Social Mundial ocorrido em 2003 relatando que a comunicação ali trazia duas estratégias.

Apona, assim, que a primeira delas era “la que abre la digitalización posibilitando la puesta en un *lenguaje común* de datos, textos, sonidos,

imágenes, videos, desmontando la hegemonía [...] (p. 368)”² e que a segunda tratava-se de “la configuración de un nuevo espacio público y de ciudadanía en y desde las redes de movimientos sociales y de medios comunitarios, como el espacio y la ciudadanía que ha hecho posible”³ (p. 368). A especial contribuição dele nesse sentido é a de não deixarmos de considerar a importância da internet para essa “linguagem comum” apontada por Martín-Barbero como uma brecha possível de quebra da hegemonia e encará-la então como um movimento inicial de emancipação. Nas palavras do autor,

“es obvio que se trata de *embriones de una nueva ciudadanía y un nuevo espacio público*, configurados por una enorme pluralidad de actores y de lecturas críticas que convergen sobre un compromiso emancipador y una cultura política en que la resistencia es al mismo tiempo forjadora de alternativas”⁴ (p. 368).

Isso converge para o que acreditamos serem os sujeitos emblemáticos: pessoas que encontram alternativas com cunho emancipatório e político frente às opressões impostas pela hegemonia.

É importante destacar que as obras de Martín-Barbero tratam de identidades culturais de forma mais específica, ou seja, tem como enfoque

² “a que abre a digitalização permitindo o começo de uma linguagem comum de dados, textos, sons, imagens, vídeos, desmontando a hegemonia”. (Tradução da autora)

³ “A configuração de um novo espaço público e de cidadania em e desde as redes de movimentos sociais e dos meios de comunicação, como o espaço e a cidadania que se fez possível”. (Tradução da autora)

⁴ “É óbvio que se trata de embriões de uma nova cidadania e um novo espaço público, configurados por uma enorme pluralidade de atores e leituras críticas que convergem para um compromisso emancipatório e uma cultura política em que a resistência é, ao mesmo tempo, formadora de alternativas.” (Tradução da autora)

elementos étnicos/raciais, locais/regionais, etc; porém nos respaldamos nele, também, quando considera que em uma sociedade o lugar da cultura muda quando a mediação tecnológica da comunicação passa de instrumental para estrutural, o que não significa que a comunicação, como é conhecida tradicionalmente, perca o seu valor mas sim que a tecnologia deixou nos últimos anos de ser mera ferramenta para expandir e trazer novos modos de percepção e linguagem.

Assim, entendemos que Martín-Barbero (2003) contribui fortemente nos fazendo compreender a internet e as TIC de modo geral como ferramenta de ampliação do espaço público. Dessa forma, o acesso à internet permite maior participação e interação nas esferas públicas, ampliando as possibilidades de caráter emancipatório.

Por compreender a construção identitária de um indivíduo como um sintagma, é sabido que a cultura atravessa de maneira transversal essa construção. Como um movimento de vir-a-ser, o homem se pauta na cultura como meio de socialização e individuação.

Para nos ajudar a pensar em como se constitui a identidade dos sujeitos emblemáticos, recorreremos também à George Herbert Mead quando aborda a construção do que ele denomina self. De acordo com Mead, o desenvolvimento pleno do self de um indivíduo ocorre “à medida que cada um adota as atitudes do grupo social organizado ao qual pertence em prol de uma atividade social cooperativa e organizada, ou de um conjunto dessas atividades nas quais o grupo está envolvido” (Morris, 2013, p. 172). Portanto, não há motivos para desconsiderar os apontamentos de Martín-Barbero por se referenciar a

identidades culturais, pois, em linhas gerais, todos aqui estamos discutindo a temática da identidade humana.

Cabe, então, resgatar os ensinamentos de Mead (1934). Para ele, o self é constituído basicamente de duas esferas: o “eu” e o “mim”, que em conjunto constituem a personalidade exercida no âmbito social. Define assim que “o ‘eu’ é a resposta do indivíduo frente à atitude da comunidade como aparece em sua própria experiência”⁵ e o ‘mim’ é entendido como o conjunto organizado das atitudes dos outros assumidos pela própria pessoa (Mead, 1934, p. 196). Conclui, assim, que as atitudes dos outros constituem o “mim” organizado e que o sujeito reage na forma de “eu”. Habermas (1990) também se utiliza dos conceitos propostos por Mead para pensar a socialização e individuação e define o “me” como

“portador de uma consciência moral que se prende às convenções e práticas de um grupo particular. Ele representa o poder de uma determinada vontade coletiva sobre um elemento individual que ainda não atingiu a si mesmo” (Habermas, 1990, p. 216).

Temos então essas concepções como pano de fundo para compreender o processo de socialização e individuação, etapas dialeticamente integradas do *continuum* da construção da identidade. A identidade é assim entendida como uma formação que não se finda; é um movimento permanente de construção e

⁵ No original em inglês: “The ‘I’ is the response of the individual to the attitude of the community as this appears in his own experience.”

transformação de si que ocorre por meio da interação com os outros, ou seja, metamorfose.

A socialização tem início tão logo a criança se insere no contexto social, ou seja, seu nascimento. Como seres inerentemente sociais, o bebê já nasce num cenário familiar e suas interações com os outros vão o tornando humano. Nessa perspectiva temos o Homem como um *vir-a-ser* humano que se concretiza à medida que a criança explora e interage com o campo social.

Vale destacar que Mead (1934) recorre à linguagem como pilar estruturante e transversal à socialização e individuação. Assim, é a partir da linguagem que permite ao indivíduo conquistar sua humanidade num processo contínuo de relações sociais e, dialeticamente, ao se tornar um ser social pode então se individuar em relação aos outros, definindo para si quem ele é, sua identidade. Sob a perspectiva habermasiana, a Identidade do Eu é apresentada como aquela que “se confirma na capacidade de construir novas identidades, integrando nelas as identidades superadas e organizando a si mesmo e às próprias interações numa biografia inconfundível” (Habermas, 1983, p. 80). Eis o que Ciampa (1987) revela como “um dos segredos da identidade: ela é a articulação da diferença e da igualdade” (p. 138). Percebemos assim a conotação sempre dialética, um movimento permanente de construção e reconstrução da identidade humana.

Nesse fluxo de descoberta entre quem sou eu e quem são os outros, a autonomia se coloca como um fator preponderante para a busca pela emancipação. O *ser-para-si* de Ciampa é, em suma, a busca por

autodeterminação ou, nas palavras de Severina⁶, “tornar-se escrava de si própria”; é, nas palavras de Ciampa, “procurar a unidade da subjetividade e da objetividade, que faz do agir uma atividade finalizada, relacionando desejo e finalidade, pela prática transformadora de si e do mundo” (Ciampa, 1987, p. 146).

Frisamos aqui a importância do *ser-para-si* para os sujeitos emblemáticos em especial. Ora, se acreditamos que esses indivíduos apontam novos caminhos ao romper com o que está posto, logo só podemos considerar esse movimento como emancipatório se partirmos do pressuposto de que essa ação se inicia de dentro para fora. É autodeterminação; é desejo de concretizar seu projeto de vida.

Nos apoiamos em Habermas (1990) para tal afirmação em que explicita que “a individuação crescente mede-se não somente pela *diferenciação de identidades singulares*, mas também pelo *crescimento da autonomia pessoal*” (p. 219). Fala ainda de uma *Identidade do Eu* bem-sucedida que aponta como a “capacidade peculiar de sujeitos capazes de falar e agir, de permanecerem idênticos a si mesmos, inclusive nas mudanças profundas da estrutura da personalidade, com as quais eles reagem a situações contraditórias” (Habermas, 1983, p. 78).

⁶ Personagem do livro *A Estória do Severino e a História da Severina* de Antonio da Costa Ciampa (1987).

Isto posto, destacamos que esse processo se trata de um valor qualitativo em que ocorre uma transformação de si e isso transborda para o mundo de forma a traçar novas rotas possíveis, novas possibilidades de Ser humano.

É a partir desse humano voltado à autonomia e individuação que Habermas (1990) aponta para a não dependência de um *assentimento* por parte dos outros mas sim “do *reconhecimento*, por parte deles, de minha pretensão de originalidade e insubstituibilidade” (p. 220). Ao considerarmos o sujeito emblemático como aquele que vivencia novas possibilidades de forma autônoma e na luta pela emancipação, é natural que haja por parte do grupo em que ele está inserido um reconhecimento. Vale, porém, destacar que tal reconhecimento é consequência e não objetivo do sujeito emblemático, afinal, ao encarnar novas formas de Ser, sua identidade rompe com a pressuposta e portanto não há um reconhecimento objetivado.

Ciampa (1987) elucida esse ponto a respeito da identidade: “sempre há a pressuposição de uma identidade [...]. Podemos até desconhecê-la; mas, pressupomos sua existência” (p. 153). Nesse sentido, podemos observar nos sujeitos emblemáticos o rompimento dessa identidade pressuposta ao encarnar tendências em relação às identidades. Podemos dizer que é por meio da alterização que o indivíduo elimina uma identidade pressuposta e desenvolve uma nova identidade como processo de sua metamorfose constante. Nas palavras de Ciampa (1987), “a metamorfose, ainda quando impedida, ainda quando oculta, expressa a *invencibilidade da substância humana*, como produção histórica e material” (p. 182). Dessa forma, como homem histórico

(parte da História da Humanidade) o sujeito emblemático ao encarnar tendências antecipa possibilidades que se concretizam em sua existência.

Habermas também reforça esses aspectos como um momento que denomina pós-convencional em que se constrói

“à própria pretensão de individualidade; ele [o momento] diz respeito à garantia que eu assumo conscientemente em relação à continuidade de minha história de vida, à luz de um projeto de vida individual e refletido” (Habermas, 1990, p. 220).

Essa passagem do filósofo alemão nos ajuda a pensar no aspecto “inovador” do indivíduo denominado emblemático. Não encontrando uma identidade que “lhe caiba”, ele mesmo tece a sua segundo suas próprias percepções provenientes do processo do tornar-se humano. Retomamos aqui um trecho em que Ciampa (1987) fala sobre como os indivíduos encarnam suas histórias:

“De um lado, distinguimos uma autoria coletiva da história – da qual todos somos co-autores – história que todas as personagens (que somos) montam, constituindo-se reciprocamente. Os autores mesmos são personagens da história. De outro lado, há uma autoria individual, *invenção assinada*, que é daquele personagem chamado *autor* e que, de fato, sempre é um narrador, um contador de histórias. O ator, o que age, o que exerce a atividade, só existe como personagem – como ser-em-si é devir personagem –, existe sempre num universo de significados, como uma figura.” (p. 155).

A identidade se traduz por suas personagens, assim Ciampa (1987) nos mostra como todos somos participantes de um cenário social compartilhado. Ao encarnar tendências, o sujeito emblemático rompe com o conhecido, o esperado, e dá lugar ao novo, a um leque de possibilidades. É ator e autor ao mesmo tempo; é o que Ciampa (1987) chama de “é poeta-em-obra”. Podemos nos valer da ilustração de Hegel (1980) usada por Ciampa (1987) ao explicar a metamorfose: “cada momento do desenvolvimento do concreto é um degrau

derradeiro de degraus anteriores, ao mesmo tempo que 'é o ponto de partida e o primeiro de um sucessivo desenvolvimento' (p. 338-339)" (Ciampa, 1987, p. 197). Dessa forma, vemos que, ao concretizar uma nova identidade, o sujeito emblemático está materializando ou tornando concreta a possibilidade encarnada.

Isso converge para o conceito proposto por Habermas (1990) de identidade pós-convencional. O autor sugere que emerge do próprio Eu a possibilidade de interação social que permite a reconstrução de uma identidade convencional para romper com essa condição num nível superior e acrescenta ainda que essa reconstrução muitas vezes é imposta por alguns processos de diferenciação social. Mas se considerarmos que tal reconstrução se dá por vezes de modo impositivo, que mérito teria o sujeito emblemático? E como se daria esse "romper" com o convencional?

Fazemos aqui uma breve retomada ao materialismo histórico para nos ajudar a entender essas questões. O próprio Habermas (1990) pontua que "o materialismo histórico, que se vincula às filosofias burguesas da história, projeta uma identidade coletiva compatível com estruturas universalistas do Eu" (p. 30). Pensemos: se é a identidade coletiva que regula a participação ou exclusão das pessoas no âmbito social e sendo essa identidade coletiva pautada em critérios de validade da sociedade burguesa, logo estamos diante da necessidade de uma ação política.

Para o autor, "torna-se agora algo consciente o fato de que são os indivíduos e a sociedade que, de certo modo, produzem por si mesmos sua própria identidade" (Habermas, 1990, p. 30). É nesse caminho que Habermas

propõe não o fim do materialismo histórico, mas sua reconstrução a partir da teoria da ação comunicativa. Segundo ela, uma sociedade em que houvesse indivíduos voltados para a reflexão e o debate com a finalidade de se alcançar o bem comum sempre que possível (liberdade e igualdade), estaria rompendo com as amarras impostas pelo capitalismo (opressão e exploração).

Voltamos assim aos questionamentos em aberto na página anterior: uma vez que a reconstrução de uma identidade convencional ocorre em função da possibilidade de interação com os outros que emerge do próprio Eu do indivíduo, como acontece tal rompimento com o convencional? E sendo essa reconstrução muitas vezes imposta, que mérito tem esse indivíduo? Além disso, como essas questões contribuem para entendermos os sujeitos emblemáticos?

De início, vale lembrarmos de que a identidade é fruto do processo dialético de socialização e individuação que ocorre na interação entre o indivíduo e sua rede social. Nessa dialética nos deparamos com o constante movimento entre as esferas particular, singular e universal que nos norteiam em termos de diferenciação e identificação social. Havendo esse movimento voltado para o *ser-para-si* e para a emancipação (*vir-a-ser*), ocorre um fortalecimento do Eu que assume assim uma ação mais politizada frente ao convencional, rompendo por vezes num nível mais elevado. Por isso dizemos que indivíduos pós-convencionais não são a massa em si, pois são menos numerosos. Vemos também que essas imposições que muitas vezes são colocadas em nome de uma reconstrução são naturais desses movimentos que perpassam as estruturas sociais. Se pensarmos nos termos apontados por Habermas de que uma vez que o indivíduo se torna consciente ele percebe sua própria “produção”

de identidade pessoal e coletiva, é natural que esse indivíduo passe a atuar de maneira diferente na sociedade e, por vezes, rompa com o *status quo*.

Toda essa dinâmica individual e coletiva, portanto social, deve ser levada em conta como base para a compreensão dos sujeitos emblemáticos. Vale resgatar que esse conceito não nasce agora; muito pelo contrário, nos apoiamos especialmente no *ser-para-si* e *vir-a-ser* de Ciampa (1987) e na identidade pós-convencional de Habermas (1990) para pensar o sujeito emblemático como o pensamos. Lembramos também que é a partir de tais pressupostos que as produções acadêmicas do NEPIM relacionadas ao termo sujeito emblemático se posicionam; trata-se, assim, de uma construção *com* e *para* o coletivo.

Habermas (1990) discute dois aspectos que merecerem nossa atenção considerando nosso cenário atual: a aceleração do processo histórico e a constante ampliação do horizonte futuro. Já dedicamos uma pequena parte desta dissertação a tecer algumas breves considerações sobre o papel e usos da internet e das TIC de uma maneira geral no processo identitário dos sujeitos. Para nós fica clara a noção de que a tecnologia em termos gerais tem impacto sobre os dois aspectos apontados pelo autor. Ao abordá-los, nos propicia olhar para um aspecto fundamental para a compreensão do sujeito emblemático. Diz ele: “uma função dessa consciência do tempo, transformada e tornada reflexiva, é a exigência de colocar o agir atual sob premissas que antecipam atualidades futuras” (Habermas, 1990, p. 222). Ora, isso vem ao encontro do que temos estudado. Essa consciência de tempo é o que possibilita ao sujeito emblemático captar tendências como novos caminhos possíveis, rompendo com as instituições convencionais. No entanto, vemos que, para isso, é premissa de que

o indivíduo esteja em busca de sua emancipação, movendo-se na direção da liberdade e igualdade.

Vemos que a teoria habermasiana se pauta em duas premissas: a linguagem e a ação. Uma vez que somos seres sociais e que nossa formação enquanto indivíduos depende do processo de socialização e individuação, passamos a assumir o papel fundante da linguagem como o mediador possível entre os indivíduos e consigo mesmo. Como coloca Habermas (1990),

“é preciso falar a mesma linguagem e como que entrar no mundo da vida, compartilhando intersubjetivamente por uma comunidade linguística, a fim de poder tirar vantagens da peculiar reflexividade da linguagem natural e poder apoiar a descrição de uma ação executada por palavras sobre a compreensão do auto-comentário implícito nessa ação verbal” (p. 67).

Ora, podemos concluir então que é por meio da linguagem, ou mesmo a partir dela, que a identidade se forma pois é condição para a construção da autorreferência e da referência do outro na interação. Temos assim também que a linguagem é entendida não como algo passivo, mas como ação. Sobre isso, Habermas (1990) distingue dois modos de ação, conceitos centrais em sua teoria da ação comunicativa: a ação orientada ao entendimento e a ação orientada para um fim. Em ambos os casos, a linguagem permeia a situação e tem papel fundamental. Para o autor, é importante que se diferencie inicialmente se a linguagem natural é utilizada meramente como forma de transmissão de informações ou se como fonte da integração social. Considerando-a como meio de transmissão simplesmente, entendemos tratar-se de agir estratégico, ou seja, orientada a um fim; já a linguagem orientada ao entendimento e como fonte de integração social, chamamos de agir comunicativo.

Habermas (1990) descreve o agir estratégico como “a atividade orientada para um fim como sendo uma intervenção causal no mundo objetivo, efetiva e dirigida para um fim” (p. 67). Isso significa que a ação é focada em seu objetivo; o indivíduo emprega energias para a obtenção do que se deseja. Não cabe, no entanto, avaliá-la como atitude maquiavélica; vemos alguns sujeitos que usam o agir estratégico como manobra de desvio da colonização do mundo da vida. Podemos observar isso por meio da história de vida de Eduardo na ocasião em que burla a política de meritocracia para ingressar no meio acadêmico, um dos episódios de sua narrativa em que Miranda (2013) o descreve como “estrategista”.

Já o agir comunicativo pode ser traduzido como “a força consensual do *entendimento* linguístico, isto é, as energias de ligação da *própria linguagem*, tornam-se efetivas para a coordenação das ações” (Habermas, 1990, p. 71)⁷. A ação comunicativa orienta-se para o entendimento comum mediado pela linguagem; ultrapassa o ato da fala e da escuta tornando-se uma ação linguística destinada ao consenso. Contudo, Habermas alerta que o agir comunicativo necessita de condições um pouco mais rigorosas. Para ele, os indivíduos participantes devem tentar definir de forma cooperativa seus planos de ação

⁷ Grifos do autor. Ver em Habermas, J. *Pensamento Pós-metafísico: estudos filosóficos*.

sempre considerando o outro de modo a compartilhar o mundo da vida e tendo como base as interpretações comuns da situação vivida. Aponta também para a postura de ouvir e falar com os objetivos voltados ao processo de entendimento.

Habermas (1990) esclarece ainda sobre a distinção entre o agir estratégico e o agir comunicativo. Ele nos diz:

“o agir comunicativo distingue-se, pois, do estratégico, uma vez que a coordenação bem sucedida da ação não está apoiada na racionalidade teleológica dos planos individuais de ação, mas na força racionalmente motivadora de atos de entendimento, portanto, numa racionalidade que se manifesta nas condições requeridas para um acordo obtido comunicativamente” (p. 72).

Vale lembrar que só podemos falar nesses conceitos a partir do mundo da vida. Como já falamos anteriormente, o mundo da vida é composto por três elementos: a *cultura*, a *sociedade* e as *estruturas de personalidade*. Habermas (1990) esclarece cada um deles. A *cultura*, segundo sua visão, é o “armazém do saber, do qual os participantes da comunicação extraem interpretações no momento em que se entendem mutuamente sobre algo” (p. 96). Já a *sociedade* é composta por ordens legítimas pelas quais os envolvidos regulam seu pertencimento aos grupos sociais e garantem solidariedade. Quanto ao último item, o autor considera “entre as *estruturas da personalidade* todos os motivos e habilidades que colocam um sujeito em condições de falar e de agir, bem como garantir sua identidade própria” (Habermas, 1990, p. 96). Entendemos, de forma simplificada, que o mundo da vida se trata da representação do mundo em nós; é a conexão entre o exterior e o interior.

Além do mundo da vida, a teoria habermasiana nos traz a concepção de mundo sistêmico, o qual é composto pelos diversos sistemas da macro estrutura

(tais como sistema hídrico, financeiro, político, etc). Em linhas gerais, podemos dizer que o mundo sistêmico está à serviço do capitalismo, de modo que é ele que se apresenta com potencial para colonizar o mundo da vida.

Isso posto, nos voltaremos para analisar o sujeito emblemático e sua relação com os conceitos acima descritos.

Ao afirmarmos que o sujeito emblemático concretiza possibilidades ao encarnar tendências no meio social; dizemos isso em relação a identidade. Quando partimos de tais premissas, falamos em termos de identidades possíveis. Ciampa (1987) aborda a discussão sobre possibilidade em sua obra *A Estória do Severino e a História da Severina*. Diz assim: “Podemos definir a realidade como possibilidade já realizada e a possibilidade como realidade potencial” (Ciampa, 1987, p. 151). Ora, vemos que isso se traduz na ação do sujeito emblemático; sua metamorfose culmina em uma abertura de novas possibilidades, ou como “identidades potenciais”. Por isso, quando estudamos um caso em especial para compreender conceitos da Psicologia Social, estamos nos debruçando sobre possibilidades em relação à identidade.

Vimos isso no capítulo anterior. A partir das histórias aqui brevemente contadas, pudemos apreender muitas informações e características sobre os sujeitos emblemáticos e suas inúmeras formas de “encarnar” identidades diferentes. Assim, não há uma forma de ser emblemático, mas infinitas possibilidades. No entanto, baseados nas concepções teóricas apresentadas, sugerimos que os sujeitos emblemáticos se dirigem pelo agir comunicativo como meio de quebra do status convencional para assumir uma identidade pós-convencional como propôs Habermas (1990). Lembramos que haverá

incoerência e conflitos internos nas narrativas dos sujeitos emblemáticos, aspectos que são inerentes à condição humana. Queremos dizer com isso que esse *vir-a-ser* com cunho emancipatório se dá de maneira processual e progressiva mas nem sempre linear, ou seja, fragmentos de emancipação são conquistados em alguns âmbitos da vida enquanto não ocorrem em outros.

É fundamental que tenhamos sempre em mente que o sujeito emblemático concretiza tendências que estão presentes no grupo social mas que em geral passam despercebidas pela massa. Ao encarná-las, elas tornam-se identidades concretas, reais. Por esse motivo, compartilhamos que “sempre que se faz um corte no real, pode-se estudar uma formação particular como geral [...] relacionada a outra formação particular, tomada como parte dessa geral” (Ciampa, 1987, p. 150). Assim, falamos de identidade como possibilidades reais, possibilidades de Ser humano; falamos de “*humanidades*”.

5. Considerações finais (que não se findam aqui)

Esta dissertação é fruto de interesses comuns. Uma teoria em construção que tinha uma lacuna teórica sobre o assunto, uma orientanda que desejava falar sobre isso, um orientador que incentivava uma produção, um grupo que construía coletivamente... A lacuna na teoria não acaba aqui. Como toda atividade científica, a cada passo dado abrem-se inúmeras novas possibilidades de estudo. Esperamos que este trabalho sirva de inspiração para novos aventureiros a pesquisar os sujeitos emblemáticos.

Na verdade, tudo o que tínhamos de contribuição sobre o tema foi dado ao longo deste texto. As considerações que ora apresentamos aqui se dão muito mais em razão do que se pôde fazer aqui e do que deixamos em aberto; por isso optamos por chamar este capítulo de “considerações” ao invés de “conclusões”.

Afirmamos durante todo o processo que um sujeito se faz emblemático ao encarnar tendências identitárias abrindo assim novas possibilidades ao grupo social. Falamos dele como alguém que busca sua emancipação e que essa busca parte da sua vontade de fazê-lo. Infelizmente não foi possível nos aprofundarmos nos estudos a ponto de saber se o sujeito emblemático também o seria caso não estivesse na busca emancipatória. Deixamos essa lacuna para próximos estudos.

Também abordamos o sujeito emblemático como uma possível categoria de estudo do ponto de vista metodológico. Reforçamos a necessidade de outros estudos a esse respeito pois para trabalhá-lo como categoria de análise seria

necessário que tivéssemos o sujeito emblemático como um conceito bem delimitado o que, até o presente momento, ainda se mantém em construção.

Gostaríamos também de destacar um ponto sobre esta dissertação. Em alguns trechos nos referimos ao sujeito emblemático (singular) e em outros aos sujeitos emblemáticos (plural). Como ainda não temos clareza sobre estes como categoria ou em relação a características como um conceito, usamos o termo sujeito emblemático como usamos a identidade: ao nos referirmos no singular estamos enfocando o indivíduo que ali se expressa; ao apontarmos no plural, os colocamos como uma classe ou categoria representativa de muitos.

Válido lembrar que este trabalho teve como objetivo contribuir teoricamente com uma teoria das identidades que se mantém num contínuo processo de construção e que se dá de forma coletiva enquanto atividade acadêmica. A teoria em questão parte do sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto por Ciampa (1987) e já teve dezenas de produções a respeito. Nosso trabalho foi delineado pelos trabalhos acadêmicos produzidos a partir do NEPIM sobre os sujeitos emblemáticos e nos apropriamos desses trabalhos para a construção da dissertação que ora se apresenta. Nesse sentido, podemos dizer que esta é uma obra coletiva do NEPIM e que está à disposição para continuidade dos estudos sobre os sujeitos emblemáticos.

6. Referências Bibliográficas

CAMPOS, A. O. *Identidade ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 2007.

CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

_____. *A Sociedade em Rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 1)*. Paz e Terra: São Paulo, 1999.

CIAMPA, A. C. *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1987.

ESTEVES, A. J. *Metodologias Qualitativas: Análise Etnográfica e Histórias de Vida*. [on-line] Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais. Ed. António Esteves, José Azevedo. Porto, Espanha: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia, p. 41-48, 1998.

FREDERICO, C. *A Vanguarda Operária*. Símbolo: São Paulo, 1979.

FREIRE, I. M. *Informação; consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos*. Ciência da Informação, Brasília: IBICT, v. 24, n. 1, 1995.

GOLDMANN, L. *Dialética e Cultura*. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1979.

HABERMAS, J. *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1983.

_____. *Pensamento Pós-metafísico: estudos filosóficos*. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1990.

_____. *Teoria do Agir Comunicativo: Racionalidade da ação e racionalização social*. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo, 2012.

KOLYNIK, H. *Metamorfose e Utopia: A Identidade do Professor de Educação Física que busca a Emancipação Humana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo. 1996.

LANZA, L. B. *Enfermeiros-homens: uma nova identidade em construção*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – PUC-SP, São Paulo. 2006

LOPEZ, Immaculada. *Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local*. 1ª ed. São Paulo: Museu da Pessoa. Editora Senac São Paulo, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. *Identidad, Tecnicidad, Alteridad: apuntes para re-trazar el mapa nocturno de nuestras culturas*. Revista Iberoamericana, Guadalajara: ITESO, vol. LXIX, nº 203, p. 367-387. Abr-jun 2003.

MEAD, G. H. *Mind, Self and Society*. Ed: Charles W. Morris. University of Chicago Press, 1934.

MIRANDA, S. F. *Negros, Profissionais e Acadêmicos: sentidos identitários e os efeitos do discurso ideológico do mérito*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2013.

MORRIS, C. W. (org.) *Mente, Self e Sociedade*. Ideias & Letras: São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, B. *A Dialética do singular-particular-universal*. In: Método Histórico-social na Psicologia Social. Abrantes, A. A.; Silva, N. R.; Martins, S. T. F. (Orgs) Editora Vozes. Petrópolis, 2005.

PACHECO, K. M. B.; & CIAMPA. A. C. *O Processo de Metamorfose na Identidade da Pessoa com Amputação*. Acta Fisiátrica, São Paulo: USP, vol. 13, n. 3. pag. 163-167. Dez 2006.

ROCHA, M. C. M. *O processo de escolarização do aluno mutilado pelo câncer: a transformação da identidade no processo de inclusão escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - PUC-SP, São Paulo. 2009.

SOUTO, A. C. C. F. *Políticas Públicas Saudáveis na Mídia Social: em tempos de promoção de saúde quem se arrisca ser “sedentário assumido”?* Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC-SP, São Paulo. 2010.

SOUZA, E. C. *A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação*. [on-line] Revista Educação em Questão, UFRN, v. 25, n. 11, Natal, p. 22-39, jan./abr. 2006.